



Gazeta Valeparaibana



Estamos sob a ditadura do capital

Esperamos que o Congresso rejeite a PEC 32, a PEC 186 e o PL 3.877/2020

No dia 17/1/2021, uma economista do banco privado Credit Suisse deu um ultimato ao Brasil: "O Brasil tem seis meses para realizar reformas e equilibrar as contas públicas. Caso isso não ocorra, o preço do dólar, os juros e a inflação vão subir e o país perderá a credibilidade perante os investidores." (...)

Página 11

O Petróleo não é mais nosso



José Sergio Gabrielli, ex-presidente da Petrobras, afirmou, recentemente, o que alguns especialistas em petróleo já vinham

identificando.

Página 13

A história do Teatro



Página 14

O GRANDE REINÍCIO NOS MOSTROU QUE REALMENTE ESTAMOS EM UMA ENCRUZILHADA.

A miséria que contamina os poderes



Nenhum outro evento durante estes últimos anos abalou tanto a nossa ordem mundial como a pandemia COVID-19 em curso.

Página 5



Na revelação de Villas Bôas, de que conspirou contra a democracia, e nos crimes da Lava Jato, retrato de país carcomido pela putrefação cultural e intelectual que nas camadas dirigentes...

Página 6

"Tudo que o homem não conhece não existe para ele. Por isso o mundo tem, para cada um, o tamanho que abrange o seu conhecimento".

Carlos Bernardo G. Pecotche

"O espectro político esquerda-direita é criação nossa. Na verdade, reflete cuidadosamente nossa polarização artificial minuciosa da sociedade, dividida em questões menores que impedem que se perceba nosso poder"

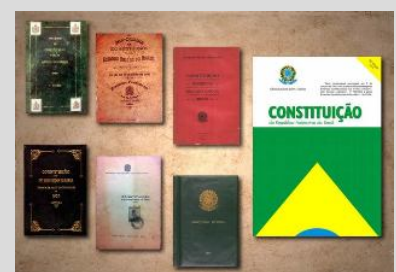
A tecnocracia oculta do Poder

TAMBÉM NESTA EDIÇÃO

- Nossos heróis e heroínas
- Voluntariado e primeiro emprego
- A Indiferença e o ódio
- À sombra da nação.

O PROJETO DE ESCURECIMENTO SOLAR DE BILL GATES ESTÁ SE APROXIMANDO DA REALIDADE

- Aos 100, Edgar Morin fala sobre a juventude
- A saga do juiz ladrão
- O problema da escassez de água no mundo
- Florestas e Árvores
- Constituições Federais do Brasil



EDITORIAL**Nossos heróis e heroínas**

Quem escolhe nossos heróis? Quais os critérios usados para julgar um candidato a herói?

Por que o povo não pode participar da escolha de seus heróis? Para que serve a existência de heróis?

Os definidores dos heróis e das heroínas buscam dar à sociedade os exemplos de cidadãos e cidadãs que são valorizados e, portanto, devem ser seguidos. E quem são estes definidores? Certamente, são membros da elite política conservadora, da elite econômica e intelectuais de direita, enfim, grupos pouco identificados com o povo.

Os heróis e as heroínas assim escolhidos podem fazer parte de um processo de dominação do nosso povo. Mas, de qualquer forma, não estou pregando a eleição direta para eles, senão um jogador de futebol com grande habilidade para este esporte e pensamento político desastroso poderia ser o escolhido. Prego uma maior participação, nestas escolhas, de entidades e personalidades socialmente comprometidas.

Este aprisionamento do processo de escolha dos heróis nacionais pelo conservadorismo é idêntico ao da escolha dos vilões nacionais. Após estas escolhas serem feitas, elas são disseminadas e amplificadas pela mídia comercial, que pertence ao mesmo grupo de direita do país, servindo como fator de convencimento preponderante do pensamento nacional. Assim, tenho dúvida se heróis nacionais estão sendo injustiçados, em perseguições udenistas a supostas corrupções de adversários políticos, quando seus próprios corruptos são protegidos. Getúlio Vargas foi a maior vítima da sanha udenista, que o levou ao suicídio.

A versão do desvio de recursos públicos pelo almirante Othon Luiz Pinheiro da Silva lembra as acusações udenistas. Ele tinha sido o coordenador de um grupo de técnicos altamente capacitados que conseguiram sucesso no desenvolvimento de uma tecnologia de ponta, a ultracentrifugação de urânio, não disponível para compra no mercado internacional e imprescindível para o projeto do submarino de propulsão nuclear. E, sem este tipo de submarino, a defesa da nossa zona econômica exclusiva não seria eficiente.

Não li os autos do processo e não busquei entendê-lo. Só acompanhei pela imprensa com a desconfiança que este veículo sempre acarreta. Contudo, sentia-me insatisfeito apesar de toda explicação e depoimentos de felizes delatores. Não encontrava nexos na história oficial. Senão, vejamos.

Um jovem militar é chamado por sua chefia hierárquica para ir a uma das melhores universidades dos Estados Unidos da área tecnológica, o MIT, para fazer o mestrado e o doutorado com o objetivo de, ao voltar, desenvolver no Brasil para a Marinha a tecnologia da ultracentrifugação, que só um número de países contados nos dedos das mãos possuía.

Retornando ao Brasil, com o auxílio da Marinha e da Universidade de São Paulo, enfrentando o boicote do fornecimento de suprimentos indispensáveis, atuando no mercado negro para o Brasil poder ter a tecnologia (não se presta conta formal ao se participar de mercado negro), vigiado pela CIA, segundo a Wikipédia, e sabem-se lá quantos outros órgãos de inteligência, o almirante Othon dedicou-se à sua missão, teve êxito e não ficou milionário.

O assessoramento a possíveis países que gostariam muito de ter esta tecnologia para produzir bombas atômicas, o que seria uma insanidade, apesar de muito lucrativo, ele não o fez. Mas, o assessoramento, à época, a empresas de produção de ultracentrífugas para consumo próprio seria muito atrativo. Ele continuou como funcionário do Estado brasileiro.

Desculpem, mas não faz nexos, ele está mais para herói do que para vilão. Ainda mais agora que foi inaugurada a temporada de juizes não justos.

Paulo Metri

23 - Dia Nacional do Piso Salarial dos Professores

O Dia Nacional do Piso Salarial dos Professores é uma data comemorativa oficial do Brasil, proposta pelo Projeto de Lei 332/2008, que sugeriu essa data ser celebrada no dia 23 de março.

O Dia Nacional do Piso Salarial dos Professores é uma data comemorativa que acontece anualmente no dia 23 de março. É uma data comemorativa oficial do Brasil regulamentada pela Lei nº 12.668, de 18 de junho de 2012.

O Dia Nacional do Piso Salarial dos Professores é um feriado?

O Dia Nacional do Piso Salarial dos Professores não é um feriado oficial do Brasil! Apesar de ser uma data comemorativa oficializada pelo governo, ela não faz parte do calendário regular de feriados nacionais regulamentados.

Porém, a data pode ser utilizada por um grupo de pessoas para promover eventos ou comemorações específicas.

Calendário online

Frases Soltas

Umberto Eco: “O verdadeiro herói é sempre herói por engano; sonhou ser covarde honesto como os outros”.

Herbert Spencer: “O culto dos heróis é o mais forte onde a liberdade humana é menos respeitada”.

Lygia Fagundes Telles: “Não separe com tanta precisão os heróis dos vilões, cada qual de um lado, tudo bonitinho como nas experiências de química. Não há gente completamente boa nem gente completamente má, está tudo misturado e a separação é impossível. O mal está no próprio gênero humano, ninguém presta. Às vezes a gente melhora. Mas passa...”.

Jean de La Bruyère: “Não construam estátuas aos vossos heróis, é melhor erguer estátuas às suas vítimas”.

Ivan Teorilang: “Nos bancos de escola, antes de se glorificar nossos heróis do passado por seus feitos em guerra, se deveria dar muito mais ênfase ao aprendizado da diplomacia, pois é a partir daí que as guerras seriam ganhas, sem nenhum derramamento de sangue”.

Nelson Mandela: “É muito fácil enfraquecer e destruir. Os heróis são os que pacificam e constroem”.

Renato Russo: “Não preciso de modelos, não preciso de heróis, eu tenho meus amigos”.

Colaboraram nesta edição**Colaboradores Fixos:**

Mariene Hildebrando
Genha Auga
Loryel Rocha
Filipe de Sousa

Colaboradores eventuais:

Helena Gomes
Paulo Metri
Alzira Alves de Abreu
Eduardo de Paula Barreto
Alexander Markovics
Fábio Konder Comparato
Niamh Harris
Guillaume Erner,
Cristine Gorski Severo
Luiz Gonzaga Belluzzo
Maria Lucia Fattorelli
Miguel Paiva
Laura Aidar
Ronan Pereira Machado

Fontes:

Callendarr
Calendário online
Conjur

IMPORTANTE

Todas as matérias, reportagens, fotos e demais conteúdos são de inteira responsabilidade dos colaboradores que assinam as matérias, podendo seus conteúdos não corresponderem à opinião deste Jornal.

A Gazeta Valeparaibana é um jornal mensal gratuito distribuído mensalmente em PDF para leitura e download

Diretor, Editor e Jornalista responsável
Filipe de Sousa - FENAI 1142/09-J

CRÔNICA DO MÊS

Voluntariado e primeiro emprego

O voluntariado como ferramenta de desenvolvimento do país pode parecer um pouco demais, mas é uma possibilidade real, quando você olhar para o trabalho voluntário realmente como um trabalho.

Uma das grandes dificuldades do mercado profissional é ter pessoas jovens com experiência, como se ter experiência se para o primeiro emprego já se pede esta tal experiência?

O trabalho voluntário, aliado ao estágio e outras formas de ingresso no mercado, pode ser uma outra ferramenta para isso, visto que muitos podem fazer o trabalho voluntário em sua área de trabalho pretendida, assim conquistando esta experiência tão desejada e solicitada, além obviamente da possibilidade de estágio voluntário.

Mais uma vez estou me referindo ao trabalho voluntário "puro", em organizações sem finalidade lucrativa, onde seu conhecimento, aliado a necessidade da organização pode vir a ser sua experiência para o mercado de trabalho formal.

Esta experiência vem atrelada a sua função social, pois não é novidade hoje a empresa para qual está se candidatando a uma vaga de emprego, perguntar se você já prestou algum tipo de trabalho voluntário. Automaticamente, 2 em 1.

Nada melhor que você conseguir sua experiência profissional fazendo uma ação social, um belo combo para início de sua carreira, caso esteja começando, caso já tenha experiência, consiga mais ainda, esta é uma receita completa, perfeita e com sempre com resultado, para você, para o próximo e para o mundo com seu exemplo.

Pense no trabalho voluntário como um trabalho de verdade, simples assim.

Ontem batendo um papo com o mecânico que dava um jeito no meu velhinho, ele me falou: Sr. Filipe, esse negócio de jovem não ter experiência e os patrões em seu primeiro emprego exigirem experiência é que antigamente o jovem trabalhava de graça para aprender uma profissão com a prática e hoje nos temos que pagar para ele aprender.

Roberto Ravagnani

08 - Dia Internacional da Mulher

A data tem o objetivo de alertar a sociedade sobre os casos de violência e maus tratos contra as mulheres. A violência física, psicológica e o assédio sexual são alguns exemplos desses maus tratos.

De acordo com as estatísticas, uma em cada três mulheres sofre de violência doméstica. A violência contra a mulher é uma questão social e de saúde pública; não distingue cor, classe econômica ou social, e está presente em todo o mundo.

O dia 8 de março foi escolhido como o dia internacional da mulher pela Organização das Nações Unidas - ONU para lembrar da luta das mulheres pela igualdade de direitos.

Um dos principais motivos foi que em 8 de março (23 de fevereiro no calendário juliano), no ano de 1917, um protesto intitulado de "pão e paz" foi realizado por mais de 90 mil mulheres na Rússia em busca de melhores

condições de trabalho no setor têxtil e também contra a participação da nação na Primeira Guerra Mundial. Esse ato foi tão importante que desencadeou a Revolução Russa e posteriormente a deposição do czar Nicolau II.

Em 1921, o recém nomeado primeiro-ministro da União Soviética, Vladimir Lenin, reconhecendo a importância do movimento, proclamou o dia da realização da marcha, 8 de março, como sendo o dia da mulher.

A internacionalização do dia 8 de março só veio ocorrer nos anos seguintes, quando a data se espalhou pela Europa e Estados Unidos. A partir da década de 60, o movimento feminista o transformou em um grande evento, e pelo esforço da ONU para promover o direito das mulheres e a paz mundial, em 1975 uma resolução propôs a comemoração da data em todos os países.

Calendar

31 - Dia da Integração Nacional

PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL (PIN)

Programa governamental instituído pelo Decreto-Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici. Tinha por objetivo implementar obras de infraestrutura econômica e social no Norte e no Nordeste do país.

Numa primeira etapa, o PIN pretendia acionar junto ao Ministério dos Transportes o início imediato da construção das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém, bem como de portos e embarcadouros fluviais com seus respectivos equipamentos. Na área do Ministério da Agricultura, o programa visava à colonização e à reforma agrária, prevendo para tanto a elaboração e a execução de estudos e a implantação de projetos agropecuários e agroindustriais. Nesse sentido eram previstas também desapropriações, a seleção, o treinamento, o transporte e o

assentamento de colonos, e a organização de comunidades urbanas e rurais com seus serviços básicos. Na verdade, a parte mais importante do PIN era seu plano de colonização. No próprio Decreto-Lei nº 1.106 foi determinado que uma faixa de terra de dez quilômetros ao longo das margens das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém seria reservada para a colonização e a reforma agrária.

Na área do Ministério do Interior, o PIN previa a aceleração dos estudos e a implantação de projetos de irrigação do Nordeste, abrangendo obras de retenção, desvio, canalização, condução, aspersão e drenagem hidráulica. Finalmente, na área do Ministério das Minas e Energia, o programa propunha o levantamento topográfico, florestal e geomorfológico para que se pudesse pesquisar a natureza e a umidade do solo e a existência de minerais energéticos.

Os ministérios ou órgãos da administração pública atuavam dentro do PIN mediante a aplicação de recursos humanos e financeiros. Foi prevista

também a integração da iniciativa privada no programa, através do estabelecimento de incentivos fiscais para projetos de colonização na área de influência das estradas. Finalmente, foi prevista a utilização de recursos do programa na intensificação dos investimentos nos institutos agrônômicos de Belém e do Recife para a experimentação agrícola dirigida à produção de alimentos.

A abertura da Transamazônica teve início em setembro de 1970. O trecho entre Estreito e Itaituba (PA) foi entregue à circulação em 27 de setembro de 1972, e o trecho entre Itaituba e Humaitá (AM) foi inaugurado em 30 de janeiro de 1974. A construção dessa rodovia através da bacia Amazônica teria sido determinada por duas razões distintas e complementares: de um lado, uma preocupação geopolítica com os "vazios territoriais e demográficos" e, de outro, o excesso de população pobre do Nordeste.

Alzira Alves de Abreu

Março 2021

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

ALGUMAS DATAS COMEMORATIVAS

- 08 - Dia Internacional da Mulher
- 19 - Dia do Consertador
- 20 - Início do Outono (Equinócio de Outono)
- 20 - Dia Nacional do Teatro para a Inf. e Juventude
- 20 - Dia Nacional da Aquicultura
- 21 - Dia Internacional das Florestas e da Árvore
- 21 - Dia Mundial da Poesia
- 22 - Dia Mundial da Água
- 23 - Dia Nacional do Piso Salarial dos Professores
- 25 - Dia da Constituição
- 26 - Dia do MERCOSUL
- 27 - Dia do Circo
- 27 - Mundial do Teatro
- 31 - Dia da Integração Nacional

Veja todas as datas comemorativas do mês na nossa [BIBLIOTECA!](#) Disponível no site

A Indiferença e o ódio



Você já parou para pensar sobre isso? Qual a diferença entre os dois, ou, o que é pior?

Todos nós já sentimos os dois ou um dos dois, e com certeza já sentiram pela gente também. Mas só nos damos conta quando aquilo passa a nos incomodar ou então quando sabemos que está incomodando o outro. Sim, porque às vezes não nos damos conta disso, passa batido, principalmente quando nos tornamos indiferentes a algo ou a alguém. Isso pode ser algo voluntário ou involuntário, enquanto o ódio não depende de querermos simplesmente, ele chega e se instala, principalmente o ódio por pessoas, o ódio gerado por preconceitos e intolerância, o ódio gerado pelo desamor, são tantas as desculpas que achamos para odiar.

Quando odeio estou expressando um sentimento, colocando energia em algo ruim, desperdiçando tempo, me angustiando e adoecendo. No ódio desejamos o mal, rejeitamos algo ou alguém. O ódio faz parte da vida de muitas pessoas. Faz parte da maneira de viver de inúmeros indivíduos. Odiar, nos torna pequenos, nos deixa doentes. A boa notícia é que podemos mudar isso. Não precisamos viver no ódio, podemos escolher sair dessa situação, ela não precisa se eternizar.

Já a indiferença a nós, causa raiva, frustração, a pessoa nem nota que estamos ali, não perde o sono com planos mirabolantes para nos destruir, acha que não valemos um vintém, passamos a não existir. Podemos fazer seja o que for para chamar a atenção e o outro nem vai saber, não vai afetá-lo, não vai merecer sequer um comentário porque nossa existência não faz diferença. Isso causa dor em quem queria ser vista e lembrada por alguém que não está nem aí.

O indiferente não sofre, o ignorado sim, se escabela, quer morrer, de que? De ÓDIO. Queria provocar no outro qualquer sensação, queria ser notado, que o outro se preocupasse com

sua existência, nem que fosse sentindo ódio também. Podemos ganhar um prêmio, sermos manchete de jornal, cometer um crime e até mesmo deixar de existir que o outro não vai nem saber, não vai perder o sono. Simplesmente na indiferença não existimos para o outro. Isso dói, ainda mais quando já fomos importantes para esse alguém, quando já fizemos parte da vida dessa pessoa e ela ainda faz parte da nossa, agora como alguém que odiamos, e por conta disso, nos faz perder tempo com maquinações, nos faz perder o sono, pensando, imaginando uma maneira de dar o troco por nos ter feito sofrer e por continuar fazendo com sua indiferença. Amor e ódio andam juntos. Num momento tu amas, no outro odeia com a mesma intensidade, mas a indiferença?... Ahhh essa é única, é invisível, mas está ali para nos enlouquecer, frustrar, magoar. Como o outro consegue me ignorar dessa maneira? Nada que você fizer ira provocar reação no outro, para ele você não existe. Mas a indiferença não acontece só no nível pessoal. Ela esta muito presente no mundo de hoje, se aplica a situações, pessoas, nosso cotidiano está recheado dela.

Quando fazemos algo que contraria uma regra, uma norma, algo que trará consequências desastrosas, por exemplo, estamos sendo indiferentes, pois não estamos preocupados com o que vai acontecer ao outro. A indiferença está se tornando um "valor" para muitas pessoas. Ela é um mal silencioso que vai se espalhando e se nutre de frustrações, mágoas, decepções que podem ocorrer com pessoas e situações, a ponto daquilo não mais importar, perdemos totalmente a conexão com o outro, a emoção passa a não existir. Diferente do ódio que causa emoção, que mantém algum tipo de conexão. Melhor a indiferença ou o ódio? Melhor mesmo é estar bem, se sentir bem consigo e com os outros, melhor é amar e ser amado. Se for para manter laços, que seja de amor e não de ódio. Se pudermos guardar a indiferença para aquilo que realmente nos faz mal, melhor. Ser indiferente às vezes é o caminho que nos resta, mas odiar é nos tornarmos frágeis, vulneráveis a alguém ou a alguma situação, vamos refletir sobre isso e cuidar mais da gente

"Para cuidar de si mesmo, use a cabeça. Para cuidar dos outros, use seu coração."

Eleanor Roosevelt

Mariene hildebrando

20 - Início do Outono (Equinócio de Outono)

Equinócio de outono é um fenômeno astronômico que ocorre todos os anos no mês de março no dia 20, ou 21 caso o ano seja bissexto. Este ano, ele acontece no dia 20 de março de 2021 às 06h38 precisamente!

De origem latina, a palavra "equinócio" significa "noites iguais", resultado da junção de aequis, igual + nox, noite. É que nessa data, dia e noite têm a mesma duração.

No ano acontecem dois equinócios, o equinócio de outono e o equinócio da primavera.

O solstício, por sua vez, acontece no verão e no inverno, ou seja, tanto o equinócio como o solstício marcam o início de uma nova estação.

Como o equinócio de outono acontece?

Durante o verão, pouco a pouco, os dias vão sendo mais curtos do que a noite, até chegar o momento em que ambos têm a mesma duração ou "equinócio".

O equinócio é a ocasião na qual os raios solares têm maior incidência

nas regiões próximas da linha do Equador.

Por este motivo, nesta data, o dia e a noite têm o mesmo período de tempo (cerca de 12 horas).

Por causa da inclinação da Terra, o Hemisfério Sul passará a receber menos luz solar e o Hemisfério Norte, mais luz. Por isso, no Hemisfério Sul começa o outono e no Hemisfério Norte, a primavera.

Curiosidades sobre o outono

Antes do século XVI, o outono representava a época das colheitas e, por isso, era bastante utilizado para se referir a esse período.

Vários festivais em comemoração às colheitas se tornaram comuns na cultura ocidental durante o outono. O mais conhecido é o feriado de Ação de Graças, celebrado principalmente nos Estados Unidos e no Canadá.

Na mitologia grega, as Horas são as deusas que representam as estações do ano e a divisão do tempo. A deusa Carpo era cultuada pelos camponeses por ser a deusa do outono, responsável pelo amadurecimento e colheita.

Falsos cristãos



Dizem que são cristãos
Mas discriminam os irmãos
Que não seguem seus caminhos
Os chicoteiam com palavras
Servem vinagre em vez de água
E os ferem com coroas de espinhos.

Ainda que alardeiem gratidão
Por terem recebido a salvação
Através do sacrifício sagrado
Não são capazes de olhar
Ao redor e se importar
Com quem sofre ao seu lado.

Embora critiquem a conduta
Do desprezível Judas
Que traiu Jesus com um beijo
Mentem e enganam
Aqueles que dizem que amam
Só para satisfazerem desejos.

Se consideram discípulos de Jesus
Mas querem pendurar na cruz
Quem é considerado inimigo
Não são capazes de perdoar
Mas esperam que ao pecar
Seus pecados sejam esquecidos.

São pessoas que nas duas faces
Ostentam como disfarce
O semblante de servos de Deus
Mas que se vivessem no passado
Sem piedade teriam assinado
A placa 'Rei dos Judeus'.

Eduardo de Paula Barreto

ACESSIBILIDADE Direito de Todos



O GRANDE REINÍCIO NOS MOSTROU QUE REALMENTE ESTAMOS EM UMA ENCRUZILHADA.



Nenhum outro evento durante estes últimos anos abalou tanto a nossa ordem mundial como a pandemia COVID-19 em curso. Pela primeira vez, os países ocidentais seguiram de forma esmagadora o exemplo da China, não dos Estados Unidos da América, a fim de encontrar uma solução para uma crise. Ao contrário da China, onde a normalidade impera novamente, um chamado “novo normal” está dominando o Ocidente. A vida pública está cada vez mais limitada, a liberdade de movimento foi restringida para combater a pandemia, enquanto as fronteiras ainda estão abertas para a migração.

Pequenas e médias empresas estão à beira da falência, enquanto gigantes globalistas como Amazon e Apple estão crescendo a um ritmo recorde. A vida cultural parou. Uma estratégia confusa de testes e vacinações foi proclamada como a única solução, enquanto a inoculação fornecida pela corporação norte-americana Pfizer-Biotech foi aprovada em processo acelerado e sofreu várias fatalidades pós-vacinação. Os governos ocidentais estão suprimindo os protestos contra essas políticas de caos, e a grande mídia também está criticando os manifestantes, rotulando-os como “extremistas de direita” que merecem punições severas. Mas quais são as origens desses desenvolvimentos, que mudaram nossas vidas tão radicalmente?

Claro, pode-se argumentar que eles se originaram em círculos globalistas, que regularmente impõem novos experimentos em nossa sociedade. Desta vez, seus experimentos são sem precedentes. O globalista alemão e fundador do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, cunhou um termo correspondente para esse desenvolvimento – o Grande Reinício. Sob este termo, as elites do Ocidente exigem um reinício do capitalismo, que deve ser mais verde e sustentável, de acordo com os “Limites do Crescimento”, já proclamados em 1972 pelo Clube de Roma, que é surpreendentemente compatível com os objetivos do movimento climático que é financiado e protegido pelo Estado. Que se trata apenas de um disfarce para um maior enriquecimento de 1% e uma exploração prolongada do restante da humanidade é do conhecimento geral, uma vez que os próprios políticos dos Verdes, eles mesmos raramente praticam a redução das emissões de CO₂. Um nível similar de credibilidade pertence ao próprio Klaus Schwab, que clama pela abolição do neoliberalismo, enquanto ele próprio lucra com essa ideologia injusta.

A influência de Soros desaparece

Quem quer que leia o livro de autoria de Schwab com Thierry Malleret, encontra pouco mais do

que previsões simples. No que diz respeito aos autores, começa uma nova era para a humanidade com a eclosão do COVID-19, e a história será dividida no futuro em era pré-COVID e era pós-COVID, da mesma forma que tínhamos dividido a história após o fim da Segunda Guerra Mundial nas eras pré e pós-guerra. Mas por que dar um novo nome a uma agenda política que já é amaldiçoada pelo europeu médio? Se alguém ler as teses de Schwab e Malleret, poderá ver uma grande preocupação com o desenvolvimento futuro do Ocidente. Como o globalismo está em retirada, a influência de seus oligarcas como Soros e Schwabs desaparece. O medo da revolução e convulsão está no ar, que se dirige contra o poder destes oligarcas super-ricos, que desejam encontrar uma solução para esta crise o mais rápido possível. Mas, em vez de mudar o sistema, eles desejam derrubá-lo de forma controlada e reconstruí-lo depois com medidas repressivas. “Construir de Volta Melhor” tornou-se o novo mantra para a defesa das elites ocidentais. Querem voltar ao momento em que não sofreram suas derrotas nas mãos de Vladimir Putin, Donald Trump e os crescentes movimentos de protesto na Europa e nos Estados Unidos, para construir uma versão atualizada da globalização. Portanto, Schwabs defende o aplicativo Corona, que aparentemente se destina a ser usado para combater o vírus, embora também possa ser aproveitado para criar um cidadão transparente. Em vez de atacar a globalização, que tornou possível a rápida disseminação do COVID-19 em primeiro lugar, eles propagam o vírus ocidental do liberalismo.

Junte-se a nós no Telegram! Como nossos apoiadores ficam em contato com os vídeos, notícias, eventos e atividades mais recentes? É simples, no popular aplicativo Telegram! Você receberá os vídeos, notícias, eventos e atividades mais recentes, transmitidos diretamente para o seu smartphone! Certifique-se de ativar “Notificações” ao abrir o aplicativo pela primeira vez. Aqui está um link direto para o canal oficial: <https://t.me/etnostra>

Os últimos acontecimentos nos EUA desde a fraudulenta Eleição Presidencial que elegeu Joe Biden nos fazem perceber que os globalistas não estão fazendo prisioneiros desta vez – assim como fizeram no caso de Ashli Babbitt, um veterano da Força Aérea dos EUA, que foi baleado por seu próprio estado sem razão. Como podemos contrariar esse movimento chamado “The Great Reset”, que é apoiado pela oligarquia global? Entre os manifestantes que se manifestaram contra a eleição de Joe Biden, foi utilizado o slogan “O Grande Despertar”. É o nome do levante de patriotas americanos que foi causado pelos horrores do “Grande Reinício”. Como o filósofo russo Alexander Dugin mostrou, o Grande Despertar também é um projeto que não é apenas um fenômeno local, mas pode ser construído em uma frente global contra o globalismo. Assim como os globalistas usam o sistema ‘Com a crise como uma oportunidade de reconstruir o sistema liberal, todos os patriotas agora têm a chance de deixar o velho mundo para trás e criar um novo. Como resultado, é necessário reconhecer que a globalização é a raiz de todos os males. Além disso, precisa ser encerrado e substituído pela localização.

Cada civilização tem a possibilidade de rejeitar a globalização

Uma ordem mundial multipolar baseada em civilizações diferentes segue de perto o momento unipolar, consistindo em Grandes Espaços definidos por semelhanças culturais, religiosas e históricas comuns. Não será mais o Ocidente que determinará sozinho a ordem do futuro e como o mundo será projetado, mas sim europeus, russos, chineses, indianos, africanos, latino-americanos e também norte-americanos que precisarão se coordenar no futuro. Isso significa que cada civilização será capaz de definir seus próprios valores e não dependerá de Bruxelas nem de Washington para fazer sermões sobre os chamados direitos humanos e os direitos das minorias. A pré-condição para tudo isso é a percepção de que sua própria cultura e religião serão válidas em seu próprio Grande Espaço, e os valores e religiões tradicionais de outras civilizações precisam ser respeitados. No contexto do Grande Despertar, cada civilização tem a possibilidade de rejeitar a globalização e fortalecer sua própria cultura. Como resultado, os diferentes povos podem recuperar o controle sobre seu desenvolvimento e decidir se eles próprios desejam se desenvolver. O que pode parecer um progresso aos olhos dos globalistas – por exemplo, expor os próprios filhos ao impacto da “integração de gênero”, drag-queens e pessoas que pensam que não há diferenças entre os diferentes sexos e povos – olha para o vasto maior dos humanos de forma totalmente diferente. Os diferentes povos podem recuperar o controle sobre seu desenvolvimento e decidir se eles próprios desejam se desenvolver. O que pode parecer um progresso aos olhos dos globalistas – por exemplo, expor os próprios filhos ao impacto da “integração de gênero”, drag-queens e pessoas que pensam que não há diferenças entre os diferentes sexos e povos – olha para a grande maioria dos humanos totalmente diferente.

O europeu, russo, chinês ou latino-americano médio não consegue mais reconhecer nenhum “progresso” nas perversões propagadas pelo Ocidente – pelo menos um progresso que vai na direção do abismo. Além disso, os planos de grandes empresas de tecnologia como Tesla, Microsoft e Google – com suas visões de ciborgues, enviando sua consciência para um servidor em nuvem e outras abominações do transumanismo – são do interesse de Elon Musk e Raymond Kurzweil, mas não no interesses das pessoas comuns que desejam proteger suas comunidades e preservá-las. O Grande Reinício faz as pessoas perceberem que a tecnologia deve servi-las e que elas não devem degenerar em ferramentas de tecnologia. Como resultado, devemos defender nossa humanidade em escala global contra os esforços transumanistas de empresas globais de tecnologia.

O Grande Reinício nos mostrou que realmente estamos em uma encruzilhada. Os globalistas usam a pandemia COVID-19 como uma oportunidade para tirar nossas liberdades e liberdades de nós, a fim de instalar um regime cada vez mais repressivo, que até se esforça para controlar nossos próprios pensamentos e ações. Podemos resistir a esses desenvolvimentos com a estratégia de defesa global que é o Grande Despertar, a fim de contrariar a vontade totalitária de uniformização do Ocidente com o etnopluralismo.

Alexander Markovics

À sombra da nação



O tema do populismo, entendido como a irrupção do povo na vida política de um país, fora das instituições oficiais de representação, está hoje na ordem do dia. É de se perguntar, então, se o povo terá sido no passado um elemento político inativo ou, ao contrário, perturbador. O que se entende, afinal, por povo no vocabulário político?

Esta última pergunta foi considerada fundamental por ocasião das duas grandes revoluções do século XVIII, a norte-americana e a francesa, quando a soberania monárquica extinguiu-se e foi preciso encontrar outro titular do poder político supremo.

Na América do Norte, a colonização efetuada pelos chamados Pioneiros (Pilgrims), no começo do século XVII, representou o repúdio da tradição medieval de repartição da sociedade em três estamentos: a nobreza, o clero e a população restante; esta última denominada genericamente povo (the people) e destituída dos privilégios de que gozavam os dois primeiros estamentos. Os Pioneiros haviam fugido da Inglaterra pelo fato de serem calvinistas e rejeitarem, portanto, a religião cristã oficial do reino. Tratava-se de um grupo de profissionais liberais, comerciantes e proprietários rurais.

Na verdade, a visão política comum aos Founding Fathers dos Estados Unidos, com as únicas exceções de Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, era de desconfiança ou desprezo pelo povo. A declaração que abre o texto constitucional de 1787 (We, the people) representou, na verdade, mera expressão retórica, pois em nenhum artigo da Constituição declara-se que a soberania pertence ao povo.

Da mesma forma, quando explodiu a Revolução Francesa em 1789, foram convocados pelo rei Luís XVI os três estamentos oficiais – clero, nobreza e o então denominado Terceiro Estamento (Tiers Etat) – para se reunirem na assembleia dos Estamentos Gerais do Reino (Etats Généraux du Royaume), que há mais de um século não ocorria. Ora, naquela época ninguém sabia ao certo quem deveria representar esse Terceiro Estamento, no qual se concentrava justamente o núcleo revolucionário.

Sucedeu que, convocada a assembleia, os representantes do clero e da nobreza recusaram-se a comparecer à sessão inaugural, em protesto contra a decisão de se adotar o voto individual por representantes, e não o tradicional voto coletivo de cada estamento. Diante disso, um membro do Terceiro Estamento propôs que as pessoas presentes se reunissem em Assembleia

a dos Representantes do Povo Francês. A denominação foi, porém, desde logo descartada pela sua ambiguidade, pois àquela época o vocábulo povo era usado para significar tanto a plebe – o “vulgo vil sem nome” de que falava Camões –, quanto a população em geral, incluindo as pessoas destituídas de direitos políticos, como as mulheres. Para resolver o impasse, a solução encontrada foi substituir a palavra povo por nação.

A ironia desse episódio histórico é patente. Para afastar a ambiguidade do termo povo, os revolucionários franceses entronizaram como titular da soberania um dos mais notáveis ícones políticos dos tempos modernos: a nação, à cuja sombra têm-se abrigado comodamente os mais variados regimes antidemocráticos. E a razão é simples: a nação pode existir politicamente como referência simbólica, mas só atua na prática por meio de representantes. Como determinou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, “o princípio de toda soberania reside essencialmente na Nação [com maiúscula]. Nenhuma corporação, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que dela não emane de modo expresso”. A questão embaraçosa, no entanto, é saber quando e de que forma a nação designa seus representantes de modo expresso...

Com o passar do tempo, os juristas acabaram aceitando o princípio da soberania democrática, segundo o modelo ateniense da Grécia Antiga. Ou seja, o poder político supremo pertence ao povo. Mas é aí que se põe a questão fundamental: quem constitui na realidade o povo soberano?

Na História Moderna, a resposta foi dada a partir das Revoluções Norte-Americana e Francesa do século XVIII: a composição desse novo soberano coletivo é dada pela Lei Fundamental, denominada Constituição, termo empregado no império romano para designar uma determinação normativa imperial (constitutio principis). Surge, porém, aí novamente a mesma indagação: quem elabora e promulga efetivamente a Constituição?

Ora, os fatos históricos cedo vieram demonstrar que o povo, tal qual a nação, tornou-se em pouco tempo um soberano meramente simbólico. Ou seja, a festejada democracia simplesmente camuflava uma verdadeira oligarquia: enquanto a soberania era constitucionalmente atribuída ao povo, na realidade ela passou a ser de fato exercida pela burguesia minoritária. A sociedade capitalista, como demonstrou Marx em meados do século XIX, é sempre dividida em duas partes contrapostas: burguesia e proletariado.

De qualquer modo, a dissimulação institucional do povo como soberano prevaleceu incontestada nos ordenamentos jurídicos ocidentais durante todo o século XIX.

No século seguinte, porém, tudo se rompeu ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, seguida pela Grande Depressão, conseqüente à quebra da Bolsa de Nova York em 1929. Diferentemente do que previa o marxismo, em lugar da divisão estrutural da sociedade em dois grupos contrapostos – burguesia e proletariado – surgia na

base social uma massa informe de indivíduos, sem autonomia ou organização própria, submetida a um Estado totalitário ou simplesmente autoritário. A distinção entre esses dois tipos de organização estatal foi proposta pela primeira vez na teoria política por Karl Loewenstein em 1942, em obra consagrada a analisar o getulismo no Brasil (Brazil under Vargas).

Enquanto no Estado totalitário a sociedade civil praticamente desaparece – pois a vida privada, mesmo no âmbito doméstico, é reduzida ao mínimo –, no Estado autoritário uma fração importante do povo irrompe na cena política; todavia, não de modo autônomo, e sim como tropa de choque de um líder carismático, que exerce o poder em benefício próprio, mantendo formalmente em vigor as instituições constitucionais. É neste sentido que o Estado autoritário é dito populista.

É importante considerar que na base de ambas essas espécies de organização estatal há o fenômeno de massificação da sociedade e que esta ligou-se, sucessivamente, às duas grandes etapas da evolução da técnica de comunicação social no século XX. Na Europa dos anos 1920, o estabelecimento da radiodifusão em âmbito continental permitiu a explosão do movimento nazifascista. Já a criação da internet de terceira geração, na década de 1990, ensejou a expansão global do autoritarismo.

A ideologia totalitária fundou-se na primazia da Força sobre o Direito, transformando a política em luta permanente contra o Inimigo, interno ou externo. Encerrada, porém, a Segunda Guerra Mundial, dos Estados totalitários restou apenas a União Soviética, que fizera parte dos Aliados contra os países do Eixo nazifascista. Em 1949, a China tornou-se mais um Estado totalitário comunista, sob a liderança de Mao Tsé-Tung.

Nenhum, porém, desses dois Estados remanescentes do totalitarismo subsistiu até o final do século. A União Soviética começou a esfacelar-se nos anos oitenta e dissolveu-se em 1991, tornando-se, tanto ela quanto seus antigos países satélites, Estados capitalistas autoritários. Quanto ao totalitarismo da República Popular da China, ele entrou em crise com o falecimento de Mao Tsé-Tung em 1976; em 2013 o país tornou-se, sob a presidência de Xi Jinping, o maior importante Estado autoritário capitalista do mundo.

Quanto ao autoritarismo, ele se estabeleceu na última década do século XX em vários países da Europa Oriental, como conseqüência da dissolução da União Soviética. Expandiu-se em seguida, mantida a aparência democrática, para várias outras regiões do mundo, como nos Estados Unidos de Donald Trump, no Brasil de Jair Bolsonaro, na Hungria de Viktor Orbán, na Polônia de Andrej Duda, na Turquia de Erdogan, nas Filipinas de Rodrigo Duterte e na Índia de Narendra Modi.

Em conclusão, ainda hoje não se sabe teoricamente onde colocar o povo no tabuleiro político.

Fábio Konder Comparato

20 - Dia Nacional da Aquicultura

Nesta terça-feira (20/3) é comemorado o Dia Nacional da Aquicultura, prática de reprodução e cultivo de organismos aquáticos. Desde já, a Tarrafa Jr parabeniza todos os profissionais do setor que se empenha nessa atividade.

Esta data refere-se à cessão dos primeiros títulos de uso de águas da

União para criação de pescado, conforme lei LEI Nº 12.531, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2011. Segundo a autora da proposta, Ideli Salvatti, a data comemorativa é um reconhecimento a pessoas, empresas e instituições que se dedicam ao cultivo de peixes, moluscos e crustáceos destinados à alimentação.

Da Redação

O PROJETO DE ESCURECIMENTO SOLAR DE BILL GATES ESTÁ SE APROXIMANDO DA REALIDADE



Planos para liberar partículas reflexivas de longa duração na atmosfera superior para bloquear a luz do sol e diminuir o “aquecimento global” estão chegando muito perto agora.

Ninguém menos que Bill Gates está financiando o desenvolvimento de tecnologia de escurecimento do sol que potencialmente refletiria a luz do sol da atmosfera da Terra para resfriar a Terra. O que poderia dar errado?

Cientistas da Universidade de Harvard propuseram o voo de teste de um balão de pesquisa, projetado para lançar pequenas quantidades de pó de giz para observar seus efeitos.

Eles esperam realizar o teste em junho deste ano.

A ampla pesquisa sobre a eficácia da geoengenharia solar foi paralisada por anos devido à controvérsia e ainda há pedidos urgentes para que ela seja interrompida.

Relatórios ScienceMag: Este primeiro voo não injetaria as partículas; seria apenas uma simulação do balão dirigível e dos instrumentos necessários para estudar as reações químicas na estratosfera, a camada calma e fria a mais de 10 quilômetros de altura. Mesmo assim, o projeto, denominado Stratospheric Controlled Perturbation Experiment (SCoPEX), deve primeiro obter a aprovação de um conselho consultivo independente, decisão que pode ocorrer em fevereiro de 2021.

A necessidade de estudar os efeitos do mundo real da liberação de partículas reflexivas é premente, diz David Keith, cientista de energia e clima de Harvard e um dos principais cientistas do SCoPEX. A geoengenharia solar não substitui o corte das emissões de gases do efeito estufa, diz ele, mas pode amenizar os piores danos do aquecimento global, como as ondas de calor extremas e tempestades que ceifam muitas vidas hoje. “Há um potencial real, talvez significa-

tivo, para reduzir em muito os riscos das mudanças climáticas neste século.”

Idéias para geoengenharia vêm em muitos sabores. Existem as chamadas tecnologias de emissões negativas – sugando o dióxido de carbono do ar usando pedras, árvores ou máquinas – que reduziram a capacidade da Terra de reter calor. A geoengenharia solar reduziria o calor que a Terra recebe em primeiro lugar. Uma ideia, baseada nos rastros de navios oceânicos, é semear nuvens reflexivas; outro é inspirado por vulcões, que podem lançar aerossóis de sulfato na estratosfera e resfriar consideravelmente o planeta.

Mas a pesquisa em geoengenharia solar há muito tempo é um tabu, diz Faye McNeill, uma química atmosférica da Universidade de Columbia que não é afiliada ao SCoPEX. “Não queríamos que parecesse que estávamos encorajando isso.” Um temor é que a geoengenharia solar possa ser feita unilateralmente por grupos ou nações, com efeitos desconhecidos no crescimento das plantas e nos padrões de chuva. Outra preocupação é que isso encorajaria uma espécie de vício, adicionando mais e mais partículas para bloquear o aquecimento, sem resolver o problema de raiz das emissões crescentes. Mas agora, com tanto aquecimento já travado, “a urgência do problema climático aumentou”, diz McNeill.

O SCoPEX não é apenas um experimento científico, mas também um teste importante da governança da geoengenharia, diz Peter Frumhoff, cientista climático chefe da Union of Concerned Scientists. “Precisamos aprender sobre o processo de consultoria tanto quanto sobre o próprio experimento.” Uma novidade para o SCoPEX é que o voo será na Suécia, não no sudoeste dos Estados Unidos, como previsto anteriormente. A equipe agora usará balões lançados pela Swedish Space Corporation, voando de Kiruna. “Isso levanta uma série de questões sobre como será o papel do consentimento público e das discussões informadas na Suécia”, diz Frumhoff, acrescentando que o conselho consultivo é dominado por especialistas americanos.

Para todos os precedentes que SCoPEX estabelecerá, o experimento proposto é bastante modesto. Custará vários milhões de dólares e foi financiado por doadores privados, incluindo o cofundador da Microsoft Bill Gates. Depois de muita investigação, a equipe decidiu usar carbonato de cálcio – giz, essencialmente – como uma partícula bloqueadora de luz ideal. Ao contrário dos sulfatos, que podem levar à perda de ozônio, o carbonato de cálcio não é particular-

mente reativo. Mas, como ele não existe naturalmente na estratosfera, os modelos de seu comportamento são incertos, diz Keith. “Os modelos baseiam-se em dados anteriores. E onde os dados anteriores são escassos, é importante fazer muitos experimentos”, tanto no laboratório quanto no campo, diz ele.

Quando a equipe estiver pronta para seu primeiro voo de pesquisa, que dependerá do desempenho do voo de teste, o balão SCoPEX liberaria até 2 quilos de carbonato de cálcio na estratosfera e dobraria de volta para observar a pluma resultante. Os cálculos anteriores de Keith sugeriram que as partículas podem ajudar a repor a camada de ozônio, reagindo com moléculas destruidoras de ozônio. Mas agora experimentos de laboratório da equipe de Harvard, publicados na Communications Earth & Environment, descobriram que o composto é relativamente inerte a essa química – ainda um passo à frente dos sulfatos que destroem a camada de ozônio, no entanto.

Este trabalho de laboratório, no entanto, apenas arranha a superfície mais nua de como o carbonato de cálcio se comportará na estratosfera, diz Daniel Cziczo, um químico atmosférico da Universidade Purdue que é cético em relação ao SCoPEX. “Este é o começo mais básico do material mais básico que eles propuseram”, diz ele. Mesmo que não esgote o ozônio, o carbonato de cálcio reagirá com outros gases e partículas na estratosfera, mudando sua composição – e potencialmente semear nuvens na baixa atmosfera que podem resfriar ou aquecer o planeta, diz ele. Muito mais sobre as reações a jusante do carbonato de cálcio alterado deve ser estudado em laboratório, sem qualquer liberação atmosférica, acrescenta.

A barreira para a liberação intencional de partículas na atmosfera precisa ser alta, mesmo que seja uma ninharia em comparação com os aerossóis lançados por um único voo de avião, diz Alan Robock, cientista climático e modelador de geoengenharia da Universidade Rutgers, New Brunswick. “A única razão para fazer isso é se tivermos perguntas científicas que não podem ser respondidas dentro de casa.” Décadas atrás, o trabalho de laboratório foi suficiente para descobrir a química complexa que estava destruindo o buraco da camada de ozônio, diz Cziczo. “Ninguém fazendo trabalho de destruição da camada de ozônio sentiu que tinha que ir para a estratosfera e causar reações químicas.” SCoPEX é, ele pergunta, tão diferente?

Niamh Harris

21 - Dia Mundial da Poesia

A data foi criada na 30ª Conferência Geral da UNESCO em 16 de novembro de 1999.

O Dia Mundial da Poesia comemora a diversidade do diálogo, a livre criação de ideias através das palavras, da criatividade e da inovação. A data visa a importância da reflexão sobre o poder da linguagem e do desenvolvimento das habilidades criativas de cada pessoa. Isso porque a poesia contribui para a diversidade criativa, inferindo na nossa percepção e compreensão do mundo.

Poesia em Portugal

A história portuguesa apresenta muitos poetas cuja obra literária é mundialmente conhecida. Luís de Camões, Fernando Pessoa, António Nobre, Florbela Espanca, José Régio, Natália Correia, Eugénio de Andrade, Cesário Verde, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andersen, são alguns dos poetas portugueses mais conhecidos.

Sugestões de atividades

Neste dia realizam-se várias atividades pelo país, sobretudo nas escolas, bibliotecas e espaços culturais. Algumas atividades que se destacam são:

- escrever um poema sobre o que sente
- escrever poemas com os amigos
- declamar poesias
- reler os poetas e os poemas preferidos
- colocar poemas em música
- assistir a encontros de poetas
- assistir a filmes sobre poetas
- dizer às pessoas o que sente por elas
- fazer de cada gesto um poema

Calendar

Aos 100, Edgar Morin fala sobre a juventude



Em seu centenário, sociólogo relembra a resistência francesa – e compara a fome de então à dos precarizados de hoje. Para ele, jovens são, num mundo que convida à indiferença, o sujeito capaz de resistir à domesticação da vida adulta

Entrevista a Guillaume Erner, na France Culture, com tradução do IHU Online

Nesta manhã, recebemos não apenas um testemunho privilegiado de nossa época, mas também um grande ator do século XX. Edgar Morin é o pai do pensamento complexo, autor de uma obra transdisciplinar. Viveu todas as crises desses cem últimos anos, as consequências da gripe espanhola e, agora, da pandemia do novo coronavírus. Suas obras revelam indiscutivelmente um trabalho de resistência intelectual. Em colaboração com Sabah Abouessalam, acaba de publicar pela editora Denoël, *Mudemos de vida*, lições sobre o coronavírus que reflete sobre o mundo que surgirá depois da pandemia. Para retomar a juventude de ontem e de hoje nosso convidado é Edgar Morin. Bom dia. Não sei se é necessário dizer que o senhor é um sociólogo, mas mesmo assim ressalto que você é um tuiteiro com mais de 100 mil seguidores. Como teve essa ideia?

Fui aconselhado e então encontrei a oportunidade de poder dizer as coisas que acredito, minhas ideias essenciais, por meio de um formato concentrado, porque o Twitter tem um número limitado de caracteres. Twittando eu me sinto um pouco como na Grécia Antiga, quando os filósofos discutiam em praça pública as questões levantadas pelas pessoas, e minha paixão é justamente fazer intervenções públicas. Mas minha adesão tem vários motivos. Por um lado, é uma forma de me expressar. Por outro, meu editor pretende publicar em breve essas pequenas reflexões.

O senhor sempre foi interessado pela juventude e uma de suas principais obras de sociologia foi uma pesquisa na Comuna de Plozévet, intitulada *Metamorfose de Plozévet*: uma comuna francesa, publicada em 1965. O livro focaliza como a juventude desse pequeno povoado da Bretanha e objetivo da pesquisa era descobrir como a juventude encarava o processo de modernização pelo qual passava a França.

O que me marcou bastante foi um fenômeno que revolucionou o mundo e que se passou em 1963, a Noite da Nação. Trata-se de um programa de rádio chamado *Olá, companheiros!*, mais voltado para a divulgação do

rock americano e francês, que organizou um concerto na Place de la Nation, em Paris. Era um programa muito popular entre os adolescentes. E de repente o evento se transformou em um grande tumulto.

Nessa ocasião, o editor-chefe do jornal *Le Monde* me convidou para interpretar o fenômeno. Porque para os sociólogos da época a juventude não era uma categoria sociológica. Os sociólogos falavam mais em classes sociais, mas não em classe de idade. Como cinéfilo que sou, a juventude significava o aparecimento de heróis da adolescência que não existiam antes, como James Dean, Marlon Brando, além de rebeldes, revoltados, e também outras pessoas marcadas por extrema ternura.

O que eu constatava era o surgimento de uma classe de idade entre o isolamento da infância e a integração na vida adulta que descobriu uma própria forma de falar, de se vestir; surgiu então uma nova linguagem como forma de afirmação de uma classe que antes não existia e que exibia uma vontade de viver intensamente. Essa foi minha primeira interrogação acerca da juventude, que se prolongou em Plozévet, quando me defrontei com a formação dos primeiros comitês da juventude. Em 1968, havia uma revolta contra a domesticação da vida adulta, cronometrada, prosaica, etc.

Mas penso que naquela época havia uma dupla necessidade, contraditória e ao mesmo tempo complementar, de realizar não apenas suas aspirações, mas também fazer parte de uma comunidade, de uma fraternidade, de uma família. Embora seja esse o desejo geral da condição humana, acabamos por abandoná-lo à medida em que vamos sendo integrados à idade adulta.

Mas há uma grande diferença com os dias atuais, em virtude da precariedade da vida social e individual, assim como da incerteza da juventude em particular. Embora possa ser considerado como um fenômeno singular e único, ele se assemelha um pouco com minha própria juventude que foi marcada pela invasão nazista e pelo regime de Pétain, durante a Ocupação. Quando eu era estudante, chegava ao restaurante universitário morto de fome. Tínhamos que nos virar para nos alimentar, pois não havia alimentos suficientemente ricos em calorias. Hoje constato fenômeno semelhante e os jovens também têm igualmente necessidade de comer.

E como foi sua vida na Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial?

Naquele momento percebi que existe uma contradição entre viver e sobreviver. Sobreviver é fazer as coisas necessárias para se manter vivo. Viver a Resistência era perigoso, mas me sentia extremamente bem em ser um resistente. Para mim, a diferença hoje em dia está em que a juventude se encontra um tanto passiva, resignada em relação a muitas coisas. Se pensarmos que fazemos parte de uma mesma comunidade de destino, que somos corresponsáveis pela

destruição do planeta, nossa casa comum, a juventude poderá tomar consciência do perigo que corremos e, certamente, as coisas podem mudar. Uma outra coisa: a pandemia nos mostra claramente que o sistema social, político, econômico tem muitos problemas e precisamos tomar consciência de que é preciso mudar de via. Se pensarmos bem, em todos os momentos de revolução, a juventude foi o grande agente histórico de transformação. E continua sendo. É ela que pode recuperar a força da solidariedade e da fraternidade em prol de um mundo melhor.

E como você encontrou essa força da juventude num momento como o da Segunda Guerra Mundial?

Durante a Guerra eu era ao mesmo tempo o jovem que lutava desesperadamente por um mundo melhor e o sociólogo iniciante que começava a se empenhar na observação dos fenômenos sociais. Mas as esperanças se abalaram durante a Guerra Fria. Eu, que acreditei no comunismo como a saída para um mundo melhor, me desconvertei durante os processos de Moscou e minha geração acabou se dispersando. A esperança é algo que não se pode abandonar, mas que também não pode nos deixar demasiadamente eufóricos. Eu sempre esperei o inesperado. A resistência de Moscou e a entrada dos Estados Unidos na Guerra, fatos que mudaram o rumo da história, foram totalmente inesperados e improváveis. Muitas coisas inesperadas mudaram o rumo da história.

O momento de hoje é trágico mas sempre penso que algo de inesperado pode acontecer e mudar a sociedade. Cabe à juventude fortalecer o espírito de resistência. Aproveitei a minha para fortalecer minha formação, lendo Rousseau, Dostoiévsky, Montaigne, Pascal, para ir ao cinema ver filmes admiráveis; a música, a poesia, a literatura, tudo isso me acompanhou durante a vida e meu deu prazer de viver. É importante aproveitar este momento para se cultivar, cultivar a fraternidade, a amizade, o amor, etc. O mundo depende de que a juventude tenha ou não consciência do que está em jogo no presente e no futuro.

A humanidade hoje vive ao mesmo tempo um momento de tragédia inacreditável, mas também um momento de ultrapassá-la rumo a outra via. É preciso não permanecer cego diante das circunstâncias, mas também não professar um otimismo ingênuo. É preciso estar presente, porque é nossa vida que está em jogo. Nosso destino está ligado ao destino coletivo, e nesta pandemia também.

E essa pandemia nos revela a importância da solidariedade de todos os povos. Todas os povos foram afetados, ameaçados e, por isso, participamos da mesma aventura. Nos dias atuais, precisamos salvaguardar e defender nossas pátrias, mas jamais esquecer que somos integrantes da mesma Terra-Pátria. Somos seus filhos. Somos filhos da Terra, e devemos defendê-la a qualquer custo.GE:

Muito obrigado, Edgar Morin.



BRASIL



GUINÉ-BISSAU



MOÇAMBIQUE



MACAU



ANGOLA



CABO VERDE



PORTUGAL



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



TIMOR LESTE



GUINÉ EQUATORIAL



A açucarada língua portuguesa:

Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI

CONTINUAÇÃO DA EDIÇÃO ANTERIOR

Autora: Cristine Gorski Severo

José Albano (1882-1923), autor da Ode acima, teve seus trabalhos publicados apenas em 1948 em uma coletânea organizada de poemas seus por Manoel Bandeira, com o título de Rimas. Sem pretensões de maiores considerações literárias, interessa vislumbrar no excerto, de estilo quinhentista do classicismo camoniano português (Azevedo, 2000), os sentidos atribuídos à língua, que revelam a sua doçura, suavidade, singeleza e sonoridade, fazendo menção especialmente à modalidade oral da língua:

dulcíssima, canora, em que mel com aroma se mistura, não isenta de brandura, língua em que o afeto santo influi, a música mais rara. Na contramão do classicismo de Albano está o texto do já mencionado José de Alencar, ícone do romantismo literário brasileiro. O trabalho estético-literário de Alencar elegeu a forma linguística como lugar de inscrição da brasilidade, fato que cristalizou o tal axioma de inventor da língua brasileira (Chaves de Melo, 1972). Apesar da motivação nacionalista de Alencar, nota-se a atribuição de valores - como cordialidade, generosidade e amistosidade - às atitudes do colonizador português, valores que se inscreveram, por exemplo, no uso do pronome de tratamento "sinhá", uma variante adocicada de "senhora", pelos escravizados. Com isso, o patrono do romantismo literário brasileiro parece ter antecipado em cerca de 50 anos a tese do lusotropicalismo de Casa Grande e Senzala.

Para além de autores literários brasileiros, as avaliações sobre a doçura da língua portuguesa circulam largamente por diferentes esferas sociais, conforme os excertos abaixo:

Afastados da língua portuguesa falada em Portugal já estamos há muito tempo. A começar pela pronúncia das palavras e entonação da voz. O país lusitano está tornando a língua portuguesa cada vez mais consonantal, enquanto a nossa é cada vez mais vocálica. Tanto é que, segundo alguns turistas estrangeiros, o português falado no Brasil é açucarado, romântico e sensual, bem diferente do falado em Portugal, que é bastante áspero. (Ludiasbh, 2013)

- Por que os portugueses falam que o sotaque português do Brasil é açucarado??? - Como assim açucarado??? Nosso sotaque é bem inteligível: falamos mais devagar e não comemos sílabas ou a parte final das palavras... Tirando as palavras de origem indígena, é muito mais bonita a pronúncia brasileira... (UOL, Fórum de jogos online, 2011)

O primeiro excerto é uma resenha da Nova Gramática do Português Brasileiro, publicada em um blog voltado para os temas de arte e cultura. Interessante notar a explicação fonológica, quase científica, para a natureza açucarada, romântica e sensual da língua: a tendência mais voca-

lizada da pronúncia do Português brasileiro (doravante PB), diferentemente do europeu, teria "adocicado", "amaciado" a língua. Para além das evidentes diferenças prosódicas entre PB e Português europeu (doravante PE), interessa notar a maneira como atributos açucarados a aveludados são naturalizados ao serem inscritos como marca de distinção estrutural entre as duas variedades linguísticas, como se a pronúncia das vogais carregasse em si mesma um valor adocicado. Ademais, estudos de fonologia do PB revelam que, de forma geral, tal tendência à pronúncia das vogais átonas já estaria presente no português arcaico, o que invalidaria, por exemplo, a tese de que a vocalização e, portanto, a suposta açucarização do PB, teria sido efeito de uma hibridização do PE com as línguas africanas e indígenas: "Em todas as posições átonas, aliás, há para contar em Portugal como uma violenta redução da vogal [...] dando ao vocalismo átono do Português europeu uma característica que logo o separa do Português brasileiro" (Mattoso Câmara Jr., 1976, p.45). Desse modo, a açucarização do PB não teria um fundamento estrutural, mas, sim, discursivo (político): a miscigenação teria sido discursivamente inscrita no PB por vias da atribuição de valores "açucarados" à pronúncia brasileira.

Ademais, o excerto retirado de um fórum de jogos online revela a força e o alcance da açucarização da pronúncia do PB no imaginário social como traço fonológico distintivo do PE.

O recorte abaixo, de uma entrevista realizada com o escritor argentino Alberto Manguel, revela apreciações linguísticas contemporâneas de um literato estrangeiro:

Não falo português, que para mim é como ler através de um vidro escuro, mas há uma música, uma doçura, um sentido de que é uma língua respeitosa, que a mim encanta, em particular no uso de 'você', de 'senhor'.

Sempre me pareceu uma língua que respeita constantemente o interlocutor, coisa que não se sucede no espanhol, por exemplo, e certamente não com o inglês.

(Manguel, Alberto. A leitura do mundo, 2011).

Novamente, nota-se uma aproximação entre usos pronominais na cultura brasileira e a doçura e respeitabilidade da língua.

Se a língua portuguesa respeita o interlocutor diferentemente do espanhol ou inglês, isso poderia ser ratificado pela diferenciação entre as colonizações levadas a cabo por Portugal, Espanha e Inglaterra. O lusotropicalismo português teria produzido o imaginário de relações respeitadas, amistosas e cordiais:

Os espanhóis apressam entre os incas, astecas e maias a dissolução dos valores nativos na fúria de destruírem uma cultura já na fase de semicivilização [...] Os portugueses, além de menos ardentes na ortodoxia que os espanhóis e menos estritos que os ingleses nos preconceitos de cor e de moral cristã [...] (Freyre, 1933/2003, p.156)

Da doçura da língua ao brasileiro dócil: o açúcar e a açucarização da língua e da identidade nacional passaram a representar uma dada brasilidade; ironicamente, a defesa da língua doce passou a propagar o discurso colonial. Surge,

então, nos discursos intelectuais, o brasileiro meigo, obediente, compreensivo e cordial. Foi nesse embalo que Buarque de Holanda (1936/1995, p.146-148)desenhou o perfil cordial do brasileiro:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o "homem cordial".⁶ A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. [...] A terminação "inho", aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais sensíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração.

Não se trata, neste artigo, de detalhar o conceito de "cordial" cunhado por Buarque de Holanda, mas tão somente de ilustrar os percursos trilhados pelos sentidos açucarados. Esta expansão semântica que inscreve a doçura canavieira na identidade e na língua brasileiras, nas formas de homem cordial e língua doce, é ratificada por uma checagem rápida dos sentidos figurados atribuídos ao verbete doce no dicionário Houaiss: "indivíduo dócil, meigo, obediente, educado, simpático, compreensivo etc."

.Essa discussão sobre o papel econômico do açúcar na empreitada colonial e a "açucarização" da língua portuguesa e da identidade como marca de brasilidade nos possibilitará abordar, na sequência, o papel da língua portuguesa e do Brasil no contexto contemporâneo da lusofonia. Defende-se a tese de que a língua portuguesa é mercantilizada por discursos contemporâneos que visam a sua difusão e divulgação internacional. Tal mercantilização tem suas raízes em práticas coloniais, como é o caso do dispositivo de produção da cana-de-açúcar. A atribuição de um valor rentável à língua é efeito do processo histórico de reificação da língua portuguesa e de sua transformação em um produto de consumo.

3. A língua portuguesa como mercadoria: o açúcar pós-colonial

Se em tempos coloniais o açúcar foi o carro-chefe da economia portuguesa, em tempos contemporâneos, em que uma nova configuração geopolítica e econômica se desenha, o açúcar europeu evaporou-se para materializar na língua a sua nova moeda de troca. Assim, a língua tomada como mercadoria parece ser uma tendência de tempos globais: "Na era do merchandising globalizado, o fato de que a língua tem-se tornado uma mercadoria através da mídia privatizada é um fator não desprezível"⁵ (Cahen, 2011, p.308). Nesta seção, pretende-se averiguar o papel desempenhado pela língua portuguesa nas políticas externas econômicas e culturais contemporâneas que envolvem os países que integram a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), o IILP (Instituto Internacional de Língua Portuguesa), além dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa).

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

A miséria que contamina os poderes



Na revelação de Villas Bôas, de que conspirou contra a democracia, e nos crimes da Lava Jato, retrato de país carcomido pela putrefação cultural e intelectual que nas camadas dirigentes – e que levou o submundo das rachadinhas ao poder

A turma de cima e a de baixo foram fundamentais na eleição de Bolsonaro. Os de cima seguem firmes no poder, os de baixo acabaram excluídos da festa agora que seus serviços não interessam mais.

Nas primeiras andanças de 2021, os brasileiros foram atropelados pela revelação de novos mexericos da turma da Lava Jato. À torrente de vulgaridades e impropriedades da galera do Judiciário juntou-se o depoimento do general Eduardo Villas Bôas. O militar admitiu ao professor Celso de Castro, no livro *General Villas Bôas: Conversa com o comandante*, ter urdido uma conspiração em 2018 para manter a prisão do ex-presidente Lula.

O general arregimentou o Comando do Exército para tecer a trama: “Sentimos que a coisa poderia fugir ao nosso controle se eu não me expressasse. Recebidas as sugestões, elaboramos o texto final, o que nos tomou todo o expediente, até por volta das 20 horas”.

A falta de compostura dos procuradores e juízes da Lava Jato e a conspiração do general Villas Bôas denunciam muito mais que um episódio de mau comportamento eventual que ultrapassa os limites da legalidade.

Os diálogos de Deltan Dallagnol com seus parças revelam um estágio avançado- de deterioração do Sistema Judiciário brasileiro. Fascinados pelas cintilações midiáticas e capturados pela instantaneidade estúpida das redes sociais, os agentes do Estado descuidaram da devoção à lei.

A entrevista de Villas Bôas escancara as insuficiências e persistências na formação dos militares brasileiros, ainda enredados na mentalidade intervencionista de uma instituição de Estado

que se considera acima de seus deveres constitucionais. Aqui se juntam as estripulias do passado às ignorâncias do presente para prometer escuridão no futuro.

Em seu depoimento, Villas Bôas não deixou barato. Inventou que, no momento da internação de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães teria sugerido a realização de novas eleições. Mentira. O destino me reservou o privilégio de assessorar o “Senhor Diretas” ao longo de 20 anos. A maior preocupação de Ulysses era a preservação e o avanço da democracia. Assim, posso atestar a veracidade da matéria do jornalista Elio Gaspari na Folha de S.Paulo de domingo 14 de fevereiro. Aí vai o trecho esclarecedor: “Sarney chegou ao hospital às 21h30. Nas suas palavras: “Lá encontro Ulysses. Tenho os olhos marejados. Rasga-me a alma o sofrimento de Tancredo. Ulysses me desperta ríspido: ‘Sarney, não é hora de sentimentalismos. Nossa luta não pode morrer na praia. Temos de tomar decisões. Você assume amanhã, como manda a Constituição, na interinidade do Tancredo’. ‘Não, Ulysses, assume você. Só assumo com Tancredo.’ ‘Você não pode acrescentar problemas aos que estamos vivendo. É a democracia que temos de salvar””.

O depoimento de Villas Bôas coaduna-se com as compras de picanha, bacalhau e uísque 12 anos realizadas para proveito do alto oficialato. Esses agentes do Estado partilham a putrefação cultural e intelectual que hoje contamina as camadas dirigentes da sociedade brasileira. É duro, mas necessário reconhecer que essas figuras que se pretendem públicas foram embaladas nas precariedades do sistema de valores individualistas e utilitaristas forjado ao longo das últimas décadas.

O individualismo de resultados invadiu todas as esferas da vida social. Do vendaval desagregador não escaparam nem as instituições ditas republicanas. A regra da separação e equilíbrio harmônico dos poderes é avassalada pela autonomização dos estamentos burocráticos, civis e militares, que se apresentam uns diante dos outros como poderes autônomos e rivais empenhados em transformar suas legítimas prerrogativas em privilégios, usurpando a soberania do povo a quem devem a legitimidade de suas ações. Essa miséria institucional contamina as instâncias decisivas do poder estatal.

Pior que o pior: comportam-se, diante do cidadão, como forças estranhas e hostis, sempre na busca de usufruir os poderes que lhes são atribuídos como se fossem reverências concedidas às excelências de suas virtudes. Sim, atribuídos é a palavra. As burocracias judiciárias e militares entregam-se, no entanto, com os olhos revira-

dos ao brilhareco de 15 minutos de fama. As recentes exposições de narcisismo de autoridades na mídia e nas redes sociais são um exemplo impecável de como os deveres republicanos se dissolvem diante dos esgares incontroláveis da subserviência aos valores do mundo das celebridades, coadjuvada pelo corporativismo mais escancarado.

Os processos sociais e econômicos que assolam o mundo contemporâneo são cruéis em suas contradições: adulam o sucesso individual e, no mesmo movimento, exercem o controle dos cidadãos no propósito de aniquilar os resíduos de sua capacidade crítica.

Na era do ciberespaço, o domínio dos corações e das mentes é exercido com os métodos desenvolvidos nos laboratórios midiático-repetitivos encarregados de remover as sobras de razão que os indivíduos imaginam preservar. A estupidez socializada circula nos espaços ocupados por youtubers, influencers et caterva. Os icebergs que despontam nesse mar de desarranjos sociais e econômicos assumem as feições de grupos políticos fascistoides, como é o caso dos invasores do Capitólio nos Estados Unidos ou dos milicianos, fardados ou não, que apoiam Jair Bolsonaro.

Na parte submersa desses icebergs jaz a rejeição ao outro, seja ele quem for, o que configura o individualismo frustrado e antissocial, cuja afirmação se concretiza na exibição agressiva de armamentos ou na prática dos “cancelamentos” sempre prestes a se concretizar no assassinato dos discordantes. No mesmo diapasão toca o realejo da apropriação do Estado para a cominação de finalidades e proveitos familiares, o que envolve a arregimentação das forças de segurança para as fileiras das milícias. O submundo das rachadinhas assume o controle da nação.

Quando os sentimentos e as pertinências particularistas dos agentes do Estado se sobrepõem ao dever funcional, a degradação do poder público chega ao seu derradeiro estágio. Os bacanas da Justiça pretendem-se “livres, excelentes e diferentes”, mas são massa de manobra das engrenagens midiáticas, empenhadas em aprisionar as arrogâncias das excelências nas masmorras da mesmice.

Adaptados, conformados, e até mesmo confortados e felizes, são incapazes de compreender que sua individualidade é uma maçaroca sufocada nas aluviões- de ignorâncias, vagalhões coletivos que promovem o aniquilamento pessoal. Na sociedade das diferenças que igualam, os diferentes não sentem o que pensam, nem pensam o que sentem.

Luiz Gonzaga Belluzzo

26 - Dia do MERCOSUL



Em 16 de dezembro de 1994 consolidou a sua existência como uma entidade com personalidade jurídica de direito internacional, por meio do Protocolo de Ouro. Essa personalidade lhe dá a capacidade de intervir e mediar assuntos comuns a vários ou todos os países membros do pacto. O protocolo entrou em vigor em 15 de dezembro do ano seguinte.

O Mercosul expandiu-se em 4 de julho de 2006, com a adesão da Venezuela ao pacto. Da mesma forma, a Bolívia iniciou seu processo de adesão desde o 15 de julho de 2015.

Os outros países da América do Sul: Chile, Peru, Equador e Colômbia

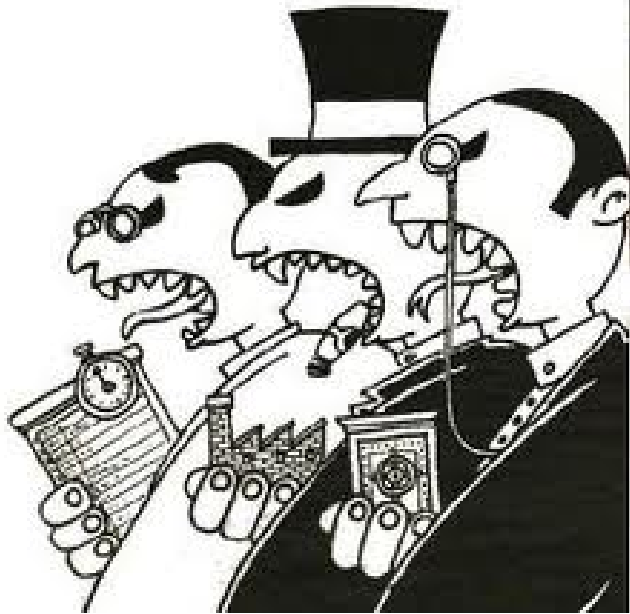
também fazem parte do Mercosul. No entanto, esta participação é apenas como países associados, não como países membros. Esta associação com os outros territórios da América do Sul busca consolidar a intenção de integração existente entre todos os países da América do Sul e tem como escopo a realização de acordos comerciais.

O Brasil é o maior mercado consumidor de produtos do Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai. Também é o principal mercado exportador por ser o país mais industrializado do pacto. O PIB do Brasil representa mais de 55% do valor total do bloco.

[...] O Mercado Comum do Sul é uma máquina de ponta para construir a integração da área, como era o sonho do herói Simón Bolívar. [...] Nicolas Maduro, presidente da Venezuela.

Da Redação

Estamos sob a ditadura do capital



Esperamos que o Congresso rejeite a PEC 32, a PEC 186 e o PL 3.877/2020

No dia 17/1/2021, uma economista do banco privado Credit Suisse deu um ultimato ao Brasil: "O Brasil tem seis meses para realizar reformas e equilibrar as contas públicas. Caso isso não ocorra, o preço do dólar, os juros e a inflação vão subir e o país perderá a credibilidade perante os investidores." (...) "a prioridade do governo deve ser aprovar a PEC Emergencial, que cria vários mecanismos para reduzir salários de servidores e outras despesas em caso de crise fiscal, e a reforma administrativa."

Além da petulância da declaração, que caracteriza ofensa à nossa soberania, a ameaça contém um recado muito claro do que o mercado financeiro quer:

1 – que o Brasil mantenha a amarra do Teto de Gastos constante da Emenda Constitucional 95, que limitou todos os investimentos na estrutura do Estado e em serviços prestados à população, mas deixou fora do teto, sem limite ou controle algum, os gastos com a chamada dívida pública;

2 – que seja aprovada a "PEC Emergencial", apelido dado à Proposta de Emenda Constitucional 186, que cria gatilhos automáticos para cortar salários de servidores e outros gastos públicos, a fim de destinar tais recursos para o pagamento dos gastos com a dívida pública;

3 – que seja aprovada a PEC 32, chamada de "reforma administrativa", mas que na verdade corresponde à destruição completa da estrutura do Estado, abrindo a possibilidade de privatização generalizada de todos os serviços públicos, o que certamente representa grandes oportunidades de negócios para o mercado.

Na última terça-feira (26), obedientemente, o presidente da República e o ministro da Economia participaram de reunião organizada pelo mesmo banco privado Credit Suisse. Bolsonaro e Guedes bateram continência aos ditames do mercado e se comprometeram a obedecer ao teto de gastos e avançar com ditas reformas, anunciando ainda que o auxílio emergencial não será permanente e que as privatizações irão avançar mais ainda!

Em primeiro lugar, temos que questionar: quem é o banco privado Credit Suisse para falar em

credibilidade com o país? O Credit Suisse foi um dos bancos "salvos" com dinheiro público por ocasião da crise financeira iniciada em 2007, cuja principal causa foi a crise bancária decorrente do abuso na utilização de derivativos sem lastro.

Conforme auditoria governamental realizada no Banco Central norte-americano (Fed) pela Agência de Contabilidade Governamental dos Estados Unidos da América do Norte, o Credit Suisse recebeu US\$ 262 bilhões de dinheiro público para não quebrar!

Em segundo lugar, todas as medidas que o mercado deseja vão na mesma linha: impedir investimentos públicos para que sobrem mais recursos para a chamada dívida pública, que nunca foi auditada e que está repleta de mecanismos ilegais e ilegítimos, a exemplo da remuneração da sobra de caixa dos bancos, que custou ao Tesouro Nacional R\$ 3 trilhões em 10 anos.

Como sempre, o mercado ignora a condição do povo brasileiro, submetido a uma das condições mais desiguais e injustas do mundo! O absurdo está na atitude das autoridades do país, que se ajoelham aos ditames do mercado, aceitando sacrificar mais ainda a população brasileira com o desmonte do Estado e dos serviços públicos previstos nas propostas PEC 32 e 186, como analisamos em artigo recente, disponível no site da Auditoria Cidadã.

Não resta dúvida alguma de que vivemos sob a ditadura do capital em nosso país. Por isso "É Hora de Virar o Jogo" e modificar o modelo econômico que atua no país, a começar pela interrupção imediata da remuneração ilegal da sobra de caixa dos bancos, para que os juros de mercado caiam e a poupança da sociedade, de cerca de R\$ 1,5 trilhão atualmente, circule na economia, gerando emprego e renda.

Para tanto, o Congresso Nacional precisa rejeitar os infames projetos PL 3.877/2020, PL 9.248/2017, PLP 19/2019 e PLP 112/2019, conforme Interpelação Extrajudicial entregue, via Cartório de Títulos e Documentos, a todos os líderes na Câmara dos Deputados.

No âmbito da campanha "É Hora de Virar o Jogo", já foi enviada Carta Aberta ao ministro Guedes questionando o que está por trás das insanas privatizações que ocorrem no Brasil.

Outra iniciativa da campanha terá lugar na próxima segunda-feira (1º), na abertura dos trabalhos do Congresso em 2021, quando será entregue Carta Aberta às autoridades dos poderes Legislativo e Executivo, contendo 25 questionamentos sobre a PEC 32, tendo em vista a ausência publicidade de dados essenciais; apresentação de dados distorcidos e argumentos errados, baseados em estudos encomendados ao Banco Mundial. Tudo isso mostra a vergonha que as destrutivas propostas (PEC 32 e 186) significam ao país, destruindo a estrutura do Estado sem justificativa técnica, legal, política ou ética que se sustente!

Esperamos que o Congresso Nacional rejeite completamente a PEC 32, a PEC 186 e o PL 3.877/2020, e diga não à ditadura do capital.

Maria Lucia Fattorelli

FRASES E Pensamentos

Latino Coelho: "Dantes havia público e autores, homens que liam e poucos que escreviam; hoje é o contrário – todos escrevem, e ninguém lê".

Stanislaw Ponte Preta: "Macrobiótica é um regime alimentar para quem tem 77 anos e quer chegar aos 78".

Juracy Magalhães (governador da Bahia durante a ditadura): "O que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil".

General Figueiredo (quando o último presidente da ditadura iniciada em 1964, quando perguntado o que faria se fosse operário e ganhasse salário mínimo): "Dava um tiro no coco".

Jarbas Passarinho (quando era ministro da Educação e, como os outros ministros, assinou o AI-5): "Às favas com os escrúpulos".

Plínio Salgado: "O integralismo nega a eficácia do voto, nega a concepção democrática do cidadão, condena o sufrágio universal".

Assis Chateaubriand: "A clareza se revolta contra a religião, que é a obscuridade, o simbolismo e o mistérios".

Garrincha (enquanto os demais jogadores comemoravam a vitória sobre a Suécia e a conquista da Copa do Mundo, em 1958): "Que torneio mixo! Não tem nem segundo turno?".

Marquês de Maricá: "Os homens mais respeitados não são sempre os mais respeitáveis".

Capistrano de Abreu: "Constituição brasileira, artigo único: todo brasileiro é obrigado a ter vergonha".

Heitor Moniz: "De vez em quando sopra na humanidade o vento da loucura. Há um grande entusiasmo coletivo. Os povos sublevam-se, tomam as armas, fazem a revolução".

Machado de Assis: "Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas".

Guimarães Rosa: "Trabalho não é vergonha, é só uma maldição".

Mark Twain: "Uma mentira é capaz de dar a volta ao mundo enquanto a verdade ainda calça os sapatos".

A saga do juiz ladrão



A compulsão por roubar o acompanhava desde pequeno. Como não era bom em nada que fazia precisava aparecer de alguma maneira. Mentir era uma delas. Com isso ganhava até o respeito de alguns amiguinhos. No futebol, que ele não jogava nada, queria sempre ser o juiz. Conhecia as regras e fazia uso delas como lhe conviesse. Apitava jogo na escola, na rua e no clube. Antes tentava sacar qual o time mais disposto a vencer e oferecia uma ajuda discreta para confirmar a vitória. Como o pagamento pelo serviço também era discreto a turma aceitava. Os mais fortes então nem sentiam crise de consciência. Pelas probabilidades iriam vencer mesmo, daí, era só pagar um sorvete, uma coca ou um capilé mais generoso que a vitória estava garantida.

Com isso foi fazendo sua fama. De tanto apitar acabou sacando um pouco das leis do futebol. Mas lei existe para ser transgredida e isso ele sabia fazer como ninguém. Um pênalti não marcado, um impedimento não visto, uma bola na mão salvadora era sempre motivo para discussão, mas ele era firme e data vênica, convencencia a todos inclusive a quem tinha cometido a falta que não tinha sido. Esse era seu talento nato. A capacidade de convencer pessoas próximas ou não que ele era um verdadeiro paladino da justiça esportiva.

Dos campos de futebol passou para as tribunas. Se formou com um diploma meio que arranjado e sua tese de mestrado foi justamente sobre a honestidade. Daí, poucos anos depois, foi o doutorado que ele conseguiu e teve uma enorme repercussão sua tese sobre a corrupção. Nesta época os computadores já eram muito usados assim como o copia e cola em que ele se especializou. Quem percebeu fechou os olhos porque afinal, a corrupção precisava ser combatida mesmo com esse tipo de desonestidade.

E por aí foi, galgando seus degraus de areia, até chegar ao posto ambicionado de juiz de primeira instância numa pequena capital do país.

A crise na Justiça nos dias de hoje

Não é novidade que o Brasil se arrasta faz anos numa crise profunda, de natureza econômica, política e jurídica. E embora se costume marcar o advento da crise com as revelações da operação "lava jato", o certo é que tais eventos começam muito antes. A "lava jato" somente trouxe para a luz do dia fatos que ocorriam na calada da noite na capital da República e em muitos outros rincões de nosso país.

O Brasil tem passado por crises recorrentes, todavia, nunca houve tamanha clareza sobre as razões desses eventos.

Desvios de conduta por parte dos gestores públicos sempre estiveram presentes em nossa história. No entanto, para que o sistema político e jurídico continue funcionando, é necessário que os autores dos desvios sejam punidos e, principalmente, afastados das funções públicas.

Para que as lideranças sejam obedecidas, é necessário que gozem de

Foi o suficiente para trocar seu guarda-roupa, casar e sonhar com o futuro. Aprendeu mal e porcamemente a falar inglês, fez algumas viagens à Disney e a Washington e com alguns contatos bem articulados ganhou a atenção dos gringos. Pensou bem antes de oferecer a Petrobrás aos americanos. Afinal aquele antro de corrupção merecia uma administração mais voltada para a elite branca. Retornou ao Brasil uma das vezes com a missão de acabar com a concorrente tupiniquim ao petróleo norte-americano. Ninguém acreditava nessa história, nem quando ele começou a vestir camisa e grava pretas acharam que aquele gosto duvidoso tinha posição política.

Mas era pouco. Ele precisava dar um golpe que chamasse a atenção dos brasileiros e do mundo. E foi aí que ele decidiu pautar sua vida na perseguição a um ex-presidente de um governo popular de sucesso. Nada melhor para agradar aos gringos.

Continuou fraudando processos, quebrando regras da magistratura, se comportando sem o menor pudor jurídico diante da corte. O processo foi crescendo e apoiado em escutas ilegais, vazamentos programados, acordos internacionais de dar vergonha a qualquer jurista conseguiu levar o ex-presidente para a cadeia. Sua história, que já vinha com manchas anteriores de processos bancários mal julgados, agora explodia em sucesso nacional.

Admiradores começaram a gritar seu nome, a imprensa o tratou como ídolo, venceu e recebeu prêmios, mas esqueceu de controlar sua vaidade e seu talento. Mesmo nos tempos de criança quando apitava as partidas de futebol se preocupava mais com quem estava assistindo ao jogo do que com a própria partida. Não resistiu à tentação. Conseguir tirar o ex-presidente do caminho e elegeu seu candidato ideal. Virou ministro e sua incompetência só aumentou nessa experiência de poder. Tentou mudar a imagem, virar outra pessoa, mas estava tratando com uma matilha mais numerosa e raivosa que a sua.

Caiu em desuso, esquecimento e apesar da tentativa de fugir para a pátria-mãe seus áudios imorais e criminosos vazaram como o xixi vaza de uma criança amedrontada. Foi escorrendo pelas pernas e acabou alagando tudo em volta. O juiz ladrão de uma época acabou se afogando no seu próprio líquido derramado. Os que um dia cantaram em uníssono, numa espécie de monobloco equivocado, hoje disfarçam e mudam de assunto. Mas a história não perdoa quem um dia julgou e julgou roubando.

Miguel Paiva

Falsos cristãos



Dizem que são cristãos
Mas discriminam os irmãos
Que não seguem seus caminhos
Os chicoteiam com palavras
Servem vinagre em vez de água
E os ferem com coroas de espinhos.

Ainda que alardeiem gratidão
Por terem recebido a salvação
Através do sacrifício sagrado
Não são capazes de olhar
Ao redor e se importar
Com quem sofre ao seu lado.

Embora critiquem a conduta
Do desprezível Judas
Que traiu Jesus com um beijo
Mentem e enganam
Aqueles que dizem que amam
Só para satisfazerem desejos.

Se consideram discípulos de Jesus
Mas querem pendurar na cruz
Quem é considerado inimigo
Não são capazes de perdoar
Mas esperam que ao pecar
Seus pecados sejam esquecidos.

São pessoas que nas duas faces
Ostentam como disfarce
O semblante de servos de Deus
Mas que se vivessem no passado
Sem piedade teriam assinado
A placa 'Rei dos Judeus'.

Eduardo de Paula Barreto

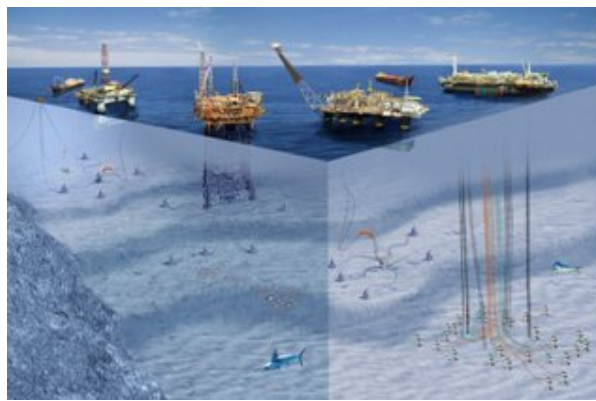
credibilidade junto à população, que as pessoas lhes devam respeito e consideração; do contrário, o uso da força tornar-se-á recorrente; e aí não teremos um Estado de Direito, mas um Estado ditatorial.

O Brasil é uma democracia e um Estado de Direito que está vigente faz décadas, mas que, neste momento, padece de uma crise de legitimidade sem precedentes.

Necessário registrar, todavia, isso já nos parece claro, embora nem todos tenham se dado conta: as eleições dão legitimidade aos eleitos para assumirem os cargos que disputaram e venceram, mas não lhes dá legitimidade para fazerem o que quiserem no exercício do cargo. A eleição não concede um mandato ilimitado, pois há diversas limitações. Os eleitos estão obrigados a obedecerem à Constituição e às leis do país; estão sujeitos aos limites de gastos fixados nas leis orçamentárias e de responsabilidade fiscal; e estão vinculados aos compromissos assumidos com a população durante o pleito eleitoral. (...)

Conjur

O petróleo não é mais nosso



José Sergio Gabrielli, ex-presidente da Petrobras, afirmou, recentemente, o que alguns especialistas em petróleo já vinham identificando. “É impossível retomar o controle do Pré-Sal”, disse ele. Acrescento à sua fala, que áreas do polígono do Pré-Sal e de outras regiões já foram entregues a petrolíferas estrangeiras; a Petrobras foi esquarterada e apeguada; e a legislação relativa ao “Contrato de Partilha” foi desfigurada.

Neste quadro, alguns juristas trazem o argumento das privatizações terem sido realizadas a preços vis. No entanto, não vejo processos colocados com essa argumentação. Consta que Chaves conseguiu reformular contratos existentes com este argumento. Contudo, o poder bélico do país e de seus aliados deve também ser levado em conta.

O ex-senador Roberto Requião, também nacionalista e socialmente comprometido, sugere a aprovação pelo Congresso de um referendo revogatório, para o qual a população seria convidada a se posicionar, revogando, de preferência, as barbáries aprovadas pelos entreguistas.

Neste momento surgem os brados dos entreguistas: “E o ‘ato juridicamente perfeito’? Como revogar estes atos? Eles serem revogados significa a existência de instabilidade jurídica do país.”

Para trazer um mínimo de nexos a este debate, busco racionalidades em vez de só lançar palavras de emoção. Para tanto, parto do princípio que o único objetivo de um governo é maximizar o bem-estar social. Lutar pelo poder só faz **sentido** se for para maximizar o grau de satisfação da população.

Posto isto, quais são os atores relevantes, cujas tomadas de decisões influenciam o citado “grau de satisfação da sociedade”? São muitos, assim só cito os mais relevantes.

Primeiramente, os políticos se dividem em dois subgrupos claros: os que conseguem a representação do povo, sem verdadeiramente repre-

sentá-lo, e aqueles que merecem o título. Os primeiros, além de crápulas, são também grandes atores.

Algo análogo surge em outros grupos. Por exemplo, existem os sindicalistas que lutam pelos reais interesses dos trabalhadores e os que fazem jogo de dissimulação para atender interesses dos patrões. São os pelegos.

A divisão dos grupos patronais passa por diferente viés de análise, pois existem os nacionalistas e os entreguistas. Estes últimos se contentam em serem representantes comerciais de empresas estrangeiras.

O empresariado possui os grandes meios de comunicação. Assim, por pertencerem ao capital, só divulgam as notícias com suas visões. Com relação às redes sociais, há diversidade de opiniões, se bem que existem também as “fake news”.

Ainda dentro do grupo empresarial, existem cinco bancos com enorme dominação do mercado. Detalhe: o CADE não faz absolutamente nada. Todos com lucros excepcionais e poder político grandioso. Existe também o agronegócio, também com enorme força política e que é protegido por gerar muita divisa.

Dentre os religiosos, existem os exploradores da necessidade da fé de muitas pessoas, que aproveitam a fragilidade de muitos fies, para explorá-los, e os verdadeiros religiosos altruístas.

Dentro do setor público, não quero falar do atual Executivo aparelhado, não só por ser mais uma das tantas obviedades que escrevo, mas por ser notícia deprimente.

Ainda dentro do setor público, existe uma casta que mereceria atenção especial de um hipotético grupo de racionalização social do Estado brasileiro: o Judiciário. Para justificar esta afirmação, me apoio no fato da ocorrência nos seus quadros de Sergio Moro e Deltan Dallagnol. É bom sempre lembrar o prejuízo incomensurável de uma sentença injusta, só comparável a uma averiguação policial tendenciosa.

Os militares, incluindo não só os das Forças Armadas, mas também os das polícias estaduais e municipais, os da Polícia Federal, enfim, os servidores públicos que usam armas, merecem uma observação inicial. A meu ver, o militar perfeito é aquele que se sente guardião da arma que a sociedade lhe entregou, cumpre estritamente a Constituição do País e, em hipótese alguma, usará esta arma contra a sociedade. O militar reformado poderá participar da política, mas o da ativa não pode emitir posição política e nem exercer cargo público, a menos daqueles das próprias Forças Armadas.

Merecem citações as forças armadas das milícias e do tráfico. São forças opressoras da soci-

idade, bandidos, capazes dos atos mais violentos.

Neste balaio de interesses, está solto na escuridão, desnorreado, sem saber onde se apoiar, o povo brasileiro. Ele pode não ser mais cordial, como foi considerado no passado. Contudo, afinal de contas, por que deveria ser?

O Estado, cada vez mais, o ajuda menos. A grande mídia o ludibria, não sabe em quem confiar nas redes sociais, o vírus, segundo alguns estudiosos, liberado devido à destruição ecológica, ataca violentamente os mais necessitados. No meio de tanta desgraça, surge uma mão amiga, resquício do Estado solidário: o SUS, que busca salvar indistintamente, chegando ao ponto de poder salvar seu algoz futuro.

Empresários só não apertam mais a corda que está no pescoço do povo porque podem perder o consumidor. Políticos e religiosos inescrupulosos, milicianos e traficantes maltratam, extorquem e seviciam a população.

Neste quadro dantesco, o butim é inevitável. Todos os setores da Economia estão sendo destruídos, a menos dos bancos e outros setores arrivistas, sob a batuta do Ministro Guedes.

Assim, o mesmo ocorreu com o setor do petróleo, que já foi chamado de “passaporte para o futuro”, expressão criada pelo Engenheiro Fernando Siqueira da AEPET e, depois, adotada pela Presidente Dilma em campanha eleitoral.

Os Estados Unidos desfecharam uma guerra de mais de US\$ 2 trilhões contra o Iraque, que possuía imaginárias armas de destruição em massa e possuía cerca de 240 bilhões de barris de petróleo reais. Por outro lado, empresas estrangeiras ganharam blocos de petróleo no Brasil em leilões ofertando quantias comparativamente ínfimas, cujo petróleo a ser descoberto pode corresponder a uma parcela considerável dos 240 bilhões iraquianos. E nenhum marine desembarcou na costa brasileira, a menos dos que vieram para o carnaval. Além disso, as petrolíferas estrangeiras, que ganharam blocos no Brasil, tiveram isenção de impostos por 25 anos de cerca de R\$ 1 trilhão.

Assim, o setor de petróleo brasileiro, como outros, foi destruído e desarranjado. Mas, a ironia do destino é que o governo Biden parece querer comprar briga com as petroleiras internacionais ao liberar US\$ 2 trilhões para as energias limpas.

É interessantíssimo o fato que o Brasil é também exuberante em reservas de fontes alternativas para geração de energia limpa. Mas, o problema é que um novo “quinta coluna” ou o mesmo, irá entregar graciosamente estas reservas. A máquina de extorsão do povo está montada.

Paulo Metri

GANHA AS RUAS A CAMPANHA DO MOVIMENTO NACIONALISTA

Instalada ontem, durante animado comício, uma torre de petróleo na Cinelândia — Falaram estudantes, um parlamentar e um representante do Clube Militar — O coronel Ulisses Vieira Lima recordou a tradição democrática do Exército, citando o exemplo do marechal Floriano Peixoto, símbolo do patriotismo nacional — Uma série de palestras, na UNE, a primeira das quais sobre a unidade entre operários e estudantes em nosso desenvolvimento econômico

Tive início ontem à tarde com a instalação de uma torre de petróleo na Cinelândia, a companhia de mobilização das massas populares pelo Movimento Nacionalista Brasileiro.

A torre, instalada pelo Centro Acadêmico Cláudio de Oliveira (CACO), um dos mais entusiasmados participantes do movimento, foi o centro de quase todos os discursos. Procuraram os oradores relembrar o êxito da campanha pelo monopólio estatal, campanha que ganhou todo o povo brasileiro, estudantes e parlamentares, operários e militares, consolidando-se com a lei da Petróleo.

OS ORADORES: Falei inicialmente o senador José Domingos Gus-

nacionalistas no terreno da siderurgia, do petróleo, da indústria automobilística e salientou a importância de se continuar tomando medidas concretas para dar ao Brasil uma poderosa indústria que possibilite o progresso (CONCLUI NA 2ª PÁG.)

O acadêmico José Domingos Gusmão discursa para as populares, iniciando a mobilização do Movimento Nacionalista Brasileiro no Rio de Janeiro. Ao fundo, a torre de petróleo, símbolo de luta de nosso povo contra a imperialismo

A existência de petróleo no Brasil foi detectada ainda no final do século XIX. No entanto, somente a partir da descoberta de importantes reservas de petróleo na Bahia, em 1939, que se iniciaria o amplo debate sobre sua exploração.

Desde o fim dos anos de 1920, o Brasil lidava com uma demanda energética inédita no país. A expansão industrial precisava ser acompanhada do incremento do setor energético, que se tornou interesse estratégico para o Estado. A questão sobre a forma de

explorar o petróleo passou a ser debatida entre os que defendiam o monopólio estatal e os que viam na abertura ao capital estrangeiro a única solução viável à sua produção.

Em 1947, o então presidente Gaspar Dutra lançou um projeto de lei, conhecido como “Estatuto do petróleo”. Visando retificar as regras para a exploração dos recursos naturais previstos na Constituição de 1946, o projeto surgia como uma maneira de flexibilizar as formas de exploração petrolífera e favorecer, ainda que parcialmente, os privatistas.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

HISTÓRIA DO TEATRO



A história do teatro teve início na Grécia Antiga, em torno do século VI a.C.

Nessa época, eram realizados rituais em louvor ao deus mitológico Dionísio, divindade relacionada à fertilidade, vinho e diversão.

Assim, o teatro surge nesse contexto e em consequência dessas festas.

O teatro na pré-história

Apesar de ser um consenso que o teatro ocidental teve origem na Grécia Antiga, é importante frisar que essa manifestação já era presente na humanidade desde tempos remotos, mesmo que de forma rudimentar.

Na pré-história, os seres humanos possuíam maneiras distintas de comunicação, e a imitação era uma delas.

Muito provavelmente, os homens das cavernas desenvolveram gestos que se assemelhavam aos animais. Além disso, encenavam caçadas para contar aos seus pares como as situações ocorreram.

Assim como a dança, a música e o desenho, a linguagem teatral também teve sua importância na época pré-histórica.

O teatro na Grécia Antiga

As celebrações ao Deus Dionísio duravam vários dias e ocorriam na época da colheita, como forma de agradecimento pelo alimento e pelo vinho.

A participação dos cidadãos era intensa e havia uma espécie de procissão, que levava o nome de "ditirambo". Depois surgiu o "coro", um conjunto de pessoas que cantava e dançava homenageando Dionísio.

Até que aparece Téspis, uma figura de grande importância para o surgimento do teatro ocidental. Segundo consta, esse homem participava de um desses rituais quando, em dado momento, resolveu vestir uma máscara e dizer que ele era o próprio deus Dionísio, iniciando assim um diálogo com o "coro".

A ousadia de tal atitude fez com que Téspis fos-

se reconhecido como o "criador do teatro" e primeiro ator e produtor teatral.

Mais tarde, essa linguagem artística foi evoluindo e influenciou fortemente o teatro romano e outras culturas.

Do ponto de vista arquitetônico, a estrutura dos primeiros teatros era parecida. As apresentações eram feitas ao ar livre, em construções de formato semicirculares.

Havia um espaço para as representações, chamado de orquestra. O lugar para acomodar o público era a arquibancada, construída em encostas montanhosas, o que facilitava a acústica.

Já o palco era o local onde os atores se preparavam para a apresentação e guardavam os figurinos e objetos cenográficos.

O teatro na Roma Antiga

O teatro romano teve enorme influência do teatro grego, assim como outras manifestações culturais desse povo. A cultura etrusca também foi um fator relevante para o desenvolvimento da arte teatral romana.

Entretanto, os romanos trouxeram algumas modificações nessa linguagem. A mais significativa delas é no que se refere à estrutura arquitetônica, que antes era feita em encostas de morros pelos gregos e depois passou a incorporar arcos e abóbodas pelos romanos.

Os temas e objetivos do teatro romano também se modificaram um pouco, com a valorização de mais entretenimento (como lutas de gladiadores e animais) e menos assuntos religiosos.

O teatro Medieval

Depois que o Império Romano declinou, teve início a Idade Média, que compreende os séculos V ao XV.

Na época medieval, durante muitos anos, a linguagem teatral foi banida na Europa. Isso porque era considerada pela Igreja Católica como uma atividade pecaminosa, ressurgindo apenas no século XII.

Assim, a finalidade do teatro medieval era a divulgação dos preceitos religiosos e histórias bíblicas, sendo encenado por membros do clero.

Surgimento do teatro no Brasil

No Brasil, a origem do teatro está relacionada à chegada dos jesuítas no século XVI e seu empenho em catequizar a população, tanto os índios quanto os colonos.

Dessa forma, os padres se utilizavam dessa expressão para transmitir ensinamentos da igreja católica.

Uma das pessoas mais notáveis nesse contexto foi o padre Anchieta, que dedicou-se fortemente ao chamado teatro de catequese.

Leia mais sobre o assunto: História do teatro no Brasil

O teatro na atualidade

Hoje em dia, essa maneira de se expressar artisticamente possui características bastante diferentes daquelas que a definiam nos primórdios.

A manifestação evoluiu ao longo da história, passando a ser apresentada também em locais fechados, o que acabou por restringir e elitizar seu público.

As formas de atuação se transformaram e o objetivo dos espetáculos também, sendo possível encontrar várias vertentes teatrais atualmente.

Laura Aidar

20 - Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude



O Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude é uma data comemorativa oficial do Brasil, proposta pelo Projeto de Lei 6105/2005, que sugeriu essa data ser celebrada no dia 20 de março.

O Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude é uma data

comemorativa que acontece anualmente no dia 20 de março. É uma data comemorativa oficial do Brasil regulamentada pela Lei nº 11.722, de 23 de junho de 2008.

O Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude é um feriado?

O Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude não é um feriado oficial do Brasil! Apesar de ser uma data comemorativa oficializada pelo governo, ela não faz parte do calendário regular de feriados nacionais regulamentados.

Porém, a data pode ser utilizada por um grupo de pessoas para promover eventos ou comemorações específicas.

Além disso, dependendo de sua importância para certas regiões, também pode ser decretado feriado municipal ou estadual para celebrar o Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude.

Calendarioonline

Movimento: O Petróleo é Nosso (Continuação)

A reação dos nacionalistas foi direta. No mesmo ano, uma série de conferências ocorridas no Clube Militar formaram a "Campanha do Petróleo". Contrária à abertura do mercado petrolífero ao capital privado, a Campanha acabou por unir civis e militares em torno da defesa da soberania do Estado e contra os ditos "entreguistas".

Enquanto a tramitação do "Estatuto do petróleo" perdia força no Congresso, a Campanha do petróleo continuava a se fortalecer. No dia 21 de abril de 1948, o Automóvel Clube, localizado na rua do Passeio, no Rio de Janeiro, recebeu a cerimônia de fundação do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, o CEDPEN, responsável por pro-

mover debates, comícios e conferências, fortalecendo o bordão "O petróleo é nosso", que acabou sendo o nome mais popular da Campanha.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) promovia manifestações pacíficas em cidades de todo o país. A panfletagem e os cartazes dos estudantes amplificavam o poder do slogan. A "Comissão estudantil para a defesa do petróleo", mobilizada em torno do lema, sustentou o movimento estudantil a favor do controle estatal de setores como os da siderurgia e automobilístico por anos, mesmo depois do monopólio do petróleo ter sido garantido por lei.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

22 - Dia Mundial da Água

O problema da escassez de água no mundo



A escassez de água é um problema que afeta todo o mundo. No Brasil, apesar da porcentagem de 12% da água doce do planeta estar concentrada no nosso país, a crise hídrica é uma preocupação que também atinge os brasileiros.

A situação parece contraditória, tendo em conta que todos aprendemos que a maior parte do planeta Terra é constituído de água (75%).

Entretanto, o que as pessoas precisam realmente saber é que mais de 97% dessa água não pode ser consumida e nem utilizada em limpezas e higiene pessoal, por exemplo. Isso porque ela é salgada.

Da água doce que sobra, a grande parte está congelada e outra parte substancial está no subsolo.

Enquanto isso, a água que existe nos reservatórios e entra nas redes de distribuição para serem utilizadas pelas pessoas corresponde a menos de 1%.

E pouco sobra para consumo próprio, pois a produção agrícola exige uma grande quantidade de água para se desenvolver de forma satisfatória. Além disso, uma boa porcentagem dessa água também é requerida pelas indústrias.

Infelizmente, isso não é tudo. Há água que poderia ser utilizada, mas acaba sendo contaminada por resíduos industriais e resíduos de aterros sanitários e lixões, entre outros.

Saiba mais em Poluição da Água.

Quais as Causas?

Há vários fatores que motivam a falta de água, dentre eles: seca, poluição e má distribuição desse recurso, apenas para citar os mais comuns.

Quando falamos em má distribuição, estamos nos referindo ao fato de que nem sempre a região onde a concentração populacional é maior é **aquela** que possui mais água.

Além disso, a distribuição da água é um problema de poder. É por isso que há conflitos mundiais pela posse de água, tal como acontece com as águas do rio Jordão.

E as Consequências?

Quanto mais pessoas, há mais consumo de água.

Desta forma, daqui a uns anos, o aumento da população sinaliza uma crise hídrica grave.

Pois se a água é um bem essencial, a falta dela terá impactos sociais, econômicos e ambientais. São exemplos esvaziamento das cidades, baixa produção agrícola e industrial, falta de emprego, entre muitos outros.

Saiba mais sobre a Crise hídrica no Brasil.

O que fazer?

É preciso conscientizar as pessoas que apesar da quantidade de água existente no planeta, nem toda pode ser consumida.

Por isso, a água deve ser vista como um bem que precisa ser preservado. Seu uso deve ser racional.

Da redação

21 - Dia Internacional das Florestas e da Árvore



As árvores fazem parte da nossa história, desde o descobrimento até os dias atuais. Uma importante e antiga relação é com o próprio nome do país, originário da espécie Pau-brasil (*Paubrasil echinata*). Outras espécies representaram importantes ciclos econômicos, como por exemplo o ciclo do Cacau (*Theobroma cacao*) e o ciclo da borracha (*Hevea brasiliensis*).

A maior e mais significativa importância das árvores é a ambiental, pois são organismos essenciais para o equilíbrio do planeta, desempenham funções vitais como o controle da temperatura, aumento da umidade do ar, maior controle das chuvas, qualidade da água dos mananciais, controle de erosão, manutenção da biodiversidade, além de produzirem frutos, sementes, madeira, resinas e outros produtos.

A presença das árvores no meio urbano é muito recente, eram vistas apenas como elementos integrantes das florestas. A arborização urbana e sua evolução teve seu início e desenvolvimento por volta do século XV na Europa, sendo que sua prática se tornou comum a partir do século XVII, através da iniciativa pioneira das cidades de Londres e Paris, com seus Squares e boulevards.

No Brasil, a primeira cidade a dispor de arborização de rua foi Recife, no século XVII. Já nos séculos XVIII e XIX, na cidade do Rio de Janeiro iniciaram-se marcos fundamentais do

paisagismo brasileiro como o Jardim botânico e o Campo de Santana. Em São Paulo, os destaques são Jardim da Luz e Avenida Paulista.

Inúmeros são os benefícios da arborização urbana, os principais são: melhoria da qualidade do ar; redução dos níveis de ruído; redução das ilhas de calor; proteção/alimentação da avifauna; redução do escoamento superficial. Alguns estudos citam ainda benefícios indiretos como a redução da obesidade em áreas mais arborizadas e até mesmo o menor custo de reparos no asfalto em áreas sombreadas por árvores.

Sabendo de tudo isso, por que então o convívio com a árvore no meio urbano é tão conflituoso? Vários são os pontos de conflito, como a falta de um plano de manejo eficiente para a arborização; escolha de espécies arbóreas sem potencial de uso urbano, redes de distribuição de energia onde se limita o uso de árvores, a falta de interesse da própria população, manejo errados através de podas drásticas, uso de mudas de baixa qualidade, entre outros.

O sucesso de um plano de arborização ocorre quando há o envolvimento do setor público, privado e a população local. E com a criação de normas que estimule a arborização de forma eficiente; a criação de programas de educação ambiental que promova o convívio harmônico da população com as árvores; e aplicação o princípio da educação ambiental, onde qualquer agressão ou intervenção deve ser avaliada, dimensionada e necessariamente compensada por medidas reparadoras na proporção direta do dano causado, ou a causar.

Ronan Pereira Machado

"O homem toma conhecimento da sua própria personalidade quando procura unir-se o mais possível a natureza"

(Teilhard de Chardin)

Movimento: O Petróleo é Nosso

(Continuação)



A Campanha "O Petróleo é nosso" atravessou os anos 1950 animando o movimento estudantil, exemplo disso foi o comício que ocorreu na Cinelândia em 1957.

Movimento nacionalista reúne trabalhadores, militares e estudantes para comemorar o êxito da campanha do petróleo, anos depois da criação da Petrobrás. Cinelândia, 1957. Jornal Imprensa popular, 1957, ed. 02147. Hemeroteca Digital/BN.

Em 1951, Getúlio Vargas, de

volta à presidência da República, tentava emplacar a regulamentação da exploração do petróleo no país. Contudo, tanto articulações políticas da oposição como o descontentamento dos próprios nacionalistas, fizeram com que as tramitações do projeto se arrastassem por mais dois anos. No dia 3 de outubro de 1953, Vargas sancionou a Lei nº 2.004. Estava estabelecida a política do monopólio nacional do petróleo e criada a maior empresa nacional da história, a Petróleo Brasileiro S.A – Petrobrás.

Este texto foi elaborado pela pesquisadora Helena Gomes do Projeto República

Gazeta Valeparaibana

25 - Dia da Constituição



Na imagem Capas das Constituições Brasileiras

A Constituição, ou Carta Magna, é o conjunto de normas e leis que norteiam os direitos e deveres dos cidadãos, bem como das responsabilidades sociais do Estado, individuais ou coletivos, a fim de organizar o país.

Muitas pessoas confundem o Dia da Constituição com o 24 de janeiro. Na realidade, esta foi a data em que foi outorgada a Constituição Brasileira de 1967, que ficou conhecida por legalizar e institucionalizar o regime militar.

Origem do Dia da Constituição

O Dia da Constituição é celebrado no dia 25 de março, pois foi quando o Imperador D. Pedro I assinou a primeira Constituição Brasileira, parte importante do processo de independência do Brasil.

A primeira Constituição Brasileira foi instituída em 1824, após o processo de Independência do Brasil, e durou até a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, quando entrou em vigor uma nova constituição.

Constituições Brasileiras

É importante notar que, desde a primeira constituição, o Brasil teve 6 constituições anteriores à de 1988, a saber:

Primeira: Constituição de 1824

A "Constituição do Império do Brasil" foi promulgada em 25 de março de 1824 pelo imperador Dom Pedro I (1798-1834).

Foi considerada um documento de suma importância para consolidar o processo de independência do Brasil. Além dos três poderes, legislativo, executivo e judiciário, o documento indicava o Poder Moderador, característico do sistema monárquico, ou seja, do Rei.

Segunda: Constituição de 1891

A "Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil" foi promulgada em 24 de fevereiro de 1891. O País era governado por Deodoro da Fonseca (1827-1892), figura principal da Proclamação da República, em 1889.

Da mesma forma, foi um documento muito importante para consolidar o sistema republicano no país, durante o período da República Velha (1889-1930).

Num regime de governo presidencialista, em detrimento do sistema monárquico, o documento excluiu o Poder Moderador, atrelado ao Rei.

Terceira: Constituição de 1934

Essa Constituição foi promulgada em 16 de julho de 1934. De cunho autoritário e liberal, sua promulgação aconteceu durante o Governo de Getúlio Vargas (1882-1954).

Foi a Constituição que vigorou em menor espaço de tempo no país (3 anos), de qualquer modo foi importante para estabelecer diversas reformas na organização político-social do Brasil.

Quarta: Constituição de 1937

Conhecida por "Polaca", foi promulgada em 10 de novembro de 1937 no governo de Getúlio Vargas, inaugurando o período conhecido como "Estado Novo".

Essa Constituição foi considerada autoritária, ditatorial, fascista e centralizadora.

Quinta: Constituição de 1946

A 5.ª Constituição foi promulgada em 18 de setembro de 1946, durante o governo do militar Eurico Gaspar Dutra (1883-1974).

Diante do processo de "redemocratização do país", a sua principal característica foi trazer uma nova ordem. O documento trazia diversos pontos associados às liberdades expressas da Constituição de 1934 e que haviam sido retiradas em 1937.

Sexta: Constituição de 1967

Conhecida por ter legalizado o regime militar no Brasil, a 6.ª Constituição foi promulgada em 24 de janeiro de 1967 no governo do militar Humberto Castelo Branco (1897-1967).

De cunho centralizador e autoritário, o documento concentrava a maior parte do poder no Poder Executivo. Além de acabar com as eleições diretas para presidente da República, o que também restringiu direitos dos trabalhadores, estabeleceu a pena de morte.

Sem dúvida, essa constituição ficou marcada pelo decreto assinado em 1968, denominado "Ato Institucional n.º 5" (AI-5) que, entre outras coisas, estabelecia a censura e o poder máximo ao Presidente do país, bem como aos militares.

Sétima: Constituição de 1988

A "Constituição da República Federativa do Brasil de 1988" foi promulgada em 5 de outubro de 1988 e é a atual constituição. Nesse período, o presidente era José Sarney.

Também chamada de "Constituição Cidadã", ela recebe esse nome por ter consolidado diversas leis no campo dos direitos humanos, o que representou uma grande melhoria no processo de democratização brasileira.

A Promulgação da Primeira Constituição Republicana do Brasil é celebrada no dia 24 de fevereiro.

Esta data marca a Constituição de 1891, a primeira do Brasil como uma República. A Primeira Constituição Monárquica do país havia sido outorgada por D. Pedro I em 1824.

A Constituição de 1891 foi criada a partir da assembleia constituinte, a qual foi convocada na Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

Entre os principais destaques desta Constituição está a definição da escolha da figura do presidente da República através de votos diretos, sendo que as eleições para este cargo deveriam ocorrer a cada intervalo de 4 anos.

A partir desta Constituição o Brasil passou a ser um país oficialmente "democrático", visto que as principais decisões políticas passaram a estar nas mãos dos cidadãos.

No entanto, mesmo o voto passando a ser direto e universal, ainda existiam muitas segregações entre quem podia participar das eleições. Por exemplo, mendigos, analfabetos e mulheres não tinham direito a votar.

Além disso, destaca-se a criação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como a separação entre Estado e Igreja. Acresce a liberdade de culto para as outras religiões além da católica.

A constituição de 1891 foi alterada em 1926.

Calendarr